

Saudações da CRB! Alegremo-nos! O Papa Francisco nos convoca à Alegria. Permaneçamos sempre na intimidade de Cristo. Com Ele nasce e renasce a Alegria.

Em sua mensagem, o Papa Francisco exalta a essência da vida comunitária. Diz que a verdadeira vida em fraternidade ajuda a amenizar os conflitos. Lembra-nos da necessidade de paciência, bondade e ternura nas relações humanas:

“Não devemos ter medo da bondade, ou mesmo da ternura. Cada pessoa, com um olhar de ternura e amor, é capaz de abrir o horizonte da esperança, um rasgo de luz no meio de tantas nuvens para levar o calor da esperança! Lembremo-nos de que o ódio, a inveja, o orgulho sujam a vida. Por isso, devemos cuidar de nós mesmos. E cuidar significa vigiar os nossos sentimentos, o nosso coração”.

Baú da Memória traz o texto do Frei Moacir Casagrande, publicado em abril de 1955: “Ecologia e inserção”. O autor explicita os conceitos “ecologia” e “inserção” e lança a questão: por que a VRC inserida está preocupada com a ecologia? Ele responde especificando algumas razões e conclui apresentando os desafios da ecologia desde a inserção, como, por exemplo, estabelecer o equilíbrio entre o universal e o particular; criar ou resgatar o senso de pertença; garantir a participação no planejamento, na execução e nos frutos, dentre outros.

A mensagem à CRB pelos 60 anos é da Irmã Annette. Ela expressa: “Como passa rápido o tempo cronológico! Ainda me lembro de Ana Roy, já bem doente, no teu jubileu de

ouro: ‘CRB casa da VRC do Brasil, CRB comunidade da VRC do Brasil, CRB comunhão da VRC do Brasil, CRB conferência da VRC do Brasil, CRB convergência da VRC do Brasil, CRB coração da VRC do Brasil...’”.

O Informe relata o I Seminário sobre Intercongregacionalidade e atuação profético-missionária da VRC, realizado de 1º a 4 de maio de 2014, em Brasília. O Seminário teve quatro objetivos:

- a) fortalecer e proporcionar a partilha de Carismas e experiências, buscando maior leveza institucional, em vista da missão;
- b) ampliar a reflexão sobre a Intercongregacionalidade;
- c) envolver Religiosas/os cuja missão primeira é animar a Vida Religiosa e as Instituições;
- d) dar continuidade aos processos iniciados, potencializando o sonho e a concretização da intercongregacionalidade.

Madre Vera Lúcia, monja beneditina, abre a seção Artigos com “A missão da escuta”. Escreve a Irmã sobre como o clamor que hoje sobe das ruas, da situação política, das questões ambientais e sociais ressoa naqueles que se dedicam ao seguimento de Jesus Cristo na vida monástica e contemplativa. Lembra que “a palavra CLAMOR nos remete de imediato ao livro do Êxodo, onde o CLAMOR do povo de Israel na escravidão do Egito provoca a intervenção de Deus, a libertação, a peregrinação no deserto e a entrada na terra prometida”.

Com o artigo “Desceu com ele à cisterna”, Rivaldave faz uma abordagem sobre José do Egito na perspectiva do sofrimento e da sapiência. Embora não seja intenção do autor, o texto remete ao tema da CF 2014, pois a narrativa sobre José é um drama do tráfico humano. Para o autor, “lidar com o sofrimento e com o sofredor, particularmente com vítimas inocentes, é sempre desafiador”.

Irmão Joilson, marista, oferece um artigo com o título de um samba de Noel Rosa: “Com que roupa eu vou pro samba que você me convidou?”. É um esboço de uma teologia da consagração contextualizada e esperançosa. O autor

narra uma parábola para a vida religiosa contemporânea e busca a teologia por trás da parábola.

Aproxima-se o lançamento do Ano da Vida Consagrada. A abertura oficial será dia 30 de novembro, na Basílica de São Pedro, em Roma. Já é tempo de alegria. Para o Papa Francisco: “Esta é a beleza da consagração: a alegria, a alegria”.

IR. LAURO DAROS, marista

A verdadeira vida em fraternidade ajuda a amenizar os conflitos

*Quem não desenvolveu a virtude da paciência
confronta-se com a tentação da onipotência,
como ocorreu com os fariseus que pediram a Jesus um sinal do céu,
ou seja, um espetáculo, um milagre (...). A paciência não é resignação,
mas faz amadurecer a vida, mesmo ante os acontecimentos
que não esperamos e não queremos...*
(Papa Francisco: homilia de 17/02/14)

O Sínodo da Nova Evangelização pediu aos religiosos que sejam testemunhas da força humanizadora do Evangelho por meio da vida em fraternidade. Tomando como inspiração esta intervenção, fizeram-se algumas perguntas ao Papa Francisco sobre como os religiosos podem viver como Irmãos:

1. Como manter integrados os compromissos da missão com aqueles da vida comunitária?
2. Como podemos combater a tendência ao individualismo?
3. Como deveríamos agir em relação ao irmão em dificuldade ou que vive ou cria conflitos?
4. Como podemos conjugar justiça e misericórdia em casos difíceis?

O Papa lembrou-se do que disse o Irmão Alois, superior da Comunidade de Taizé, num recente encontro com ele: “Na Comunidade de Taizé existem católicos, calvinistas, luteranos etc., e todos vivem realmente uma vida de fraternidade. Por outro lado, as enfermidades da fraternidade possuem forças que a destroem. A tentação contra a fraternidade é o que mais impede o caminho para a vida consagrada. São João Berchmans costumava dizer que sua maior penitência

era precisamente a vida comunitária. Às vezes, viver em fraternidade é difícil, mas se não for vivida não será produtiva. A dedicação às obras apostólicas pode se tornar uma fuga da vida fraterna. Se alguém não consegue viver em comunidade, não poderá viver uma vida consagrada”. “A fraternidade religiosa – continuou o Papa –, com toda a sua diversidade possível, é uma experiência de amor que vai além dos conflitos. Conflitos comunitários são inevitáveis: de certo modo, eles precisam ocorrer, caso a comunidade esteja verdadeiramente vivendo relações sinceras e honestas. É a vida. Não faz sentido pensar em uma comunidade na qual haja Irmãos que não vivenciam dificuldades em suas vidas. Algo está faltando em comunidades onde não existam conflitos. A realidade dita que existam conflitos em todas as famílias e grupos humanos. E os conflitos precisam ser encarados de cabeça em pé: não deveriam ser ignorados. Encobri-los só cria uma pena de pressão que irá, por fim, explodir. Uma vida sem conflitos não é vida.”

O valor em jogo é alto. Sabemos que um dos princípios fundamentais do Papa Francisco é que “a união é superior aos conflitos. Suas palavras aos religiosos devem ser interpretadas à luz da *Evangelii gaudium* (nn. 226-230), na qual se pede para “aceitar, suportar o conflito, resolvê-lo e transformá-lo em um novo processo” (n. 227). Devemos recordar que, para o Papa Francisco, a realização pessoal não é uma tarefa individual, e sim coletiva, comunitária. Neste sentido, o conflito pode e, mais, deve tornar-se um processo de amadurecimento.

Em todo caso, conflitos devem ser abordados com aconselhamento espiritual: “jamais deveríamos agir como o sacerdote ou o levita na parábola do Bom Samaritano, que simplesmente passaram longe. Mas o que deveríamos fazer? Lembro-me – disse o Papa – da história de um jovem, de 22 anos, que sofria de profunda depressão. Não estou falando de um religioso, mas de um jovem que morava com sua mãe, a qual era viúva e que lavava roupas para famílias ricas. Este jovem não mais foi trabalhar e vivia ofuscado pelo álcool. A mãe não conseguia ajudá-lo: toda manhã, antes de

sair, ela simplesmente o olhava com grande ternura. Hoje este jovem é uma pessoa importante: superou seu problema, porque, no final, aquele olhar de ternura de sua mãe o sacudiu. Precisamos recuperar esta ternura, incluindo a ternura materna. Pensemos na ternura que São Francisco viveu, por exemplo. A ternura ajuda a superar os conflitos. Se isso não bastar, poderá ser o caso de trocar de comunidade”.

“É verdade – continuou o Papa – às vezes somos muito cruéis. Todos vivemos a sensação de criticar visando à satisfação pessoal ou obter vantagens. Por vezes, os problemas na fraternidade devem-se a personalidades frágeis, casos nos quais a ajuda de um profissional, um psicólogo, deveria ser procurada. Não há por que ter medo disto: não se precisa temer cair, necessariamente, no psicologismo. Mas nunca, nunca deveríamos agir como administradores ante o conflito de um irmão. Temos que envolver o coração.”

“Realmente, a fraternidade é algo delicado. No hino das Primeiras Vésperas de São José, no breviário argentino, pede-se ao santo que cuide da Igreja com ternura de Eucaristia, ‘ternura eucarística’. Eis como devemos tratar nossos irmãos: *com ternura eucarística*. Precisamos cuidar dos conflitos. Lembro-me de quando Paulo VI recebeu a carta de uma criança com muitos desenhos. Ele disse que lhe fez muito bem ter recebido uma carta dessas sobre uma mesa repleta de tantas outras que só falam de problemas. A ternura nos faz bem. A ternura eucarística não mascara os conflitos, mas ajuda-nos a enfrentá-los como homens, com humanidade.”

Não devemos ter medo da bondade, ou mesmo da ternura. Cada pessoa, com um olhar de ternura e amor, é capaz de abrir o horizonte da esperança, um rasgo de luz no meio de tantas nuvens para levar o calor da esperança! Lembremo-nos de que o ódio, a inveja, o orgulho sujam a vida. Por isso, devemos cuidar de nós mesmos. E cuidar significa vigiar os nossos sentimentos, o nosso coração, porque é dele que saem as boas e as más intenções: aquelas que edificam e aquelas que destroem. O cuidar pede bondade, pede ser vivido com ternura. A ternura não é a virtude do fraco, mas, ao contrário, mostra a força da alma e a

capacidade de atenção, de compaixão, de verdadeira abertura ao outro, mostra capacidade de amar. Precisamos da doçura de Maria para entender as coisas que Jesus nos pede (Homilia do Papa Francisco).

Trecho do diálogo do Papa Francisco sobre a Vida Consagrada “Despertem o mundo”, no dia 29/11/2013, a 121 Superiores Gerais. Fonte: <www.laciviltacattolica.it/articol_download/extra/Despierten_al_mundo>.

Ecologia e inserção

*Para uma relação harmoniosa se exige
um senso de pertença apurada.
Eu pertença à casa e ela me pertence.
Eu sou dela e ela é minha.
Mas ela não é só minha. Nem eu sou só dela.
Estar nela é gostoso. Ela fica mais alegre comigo.*

Começamos pelo sentido das palavras: ecologia e inserção.

O significado e o alcance do termo *inserção* são muito conhecidos na caminhada das Comunidades Religiosas Inseridas em Meios Populares. Ser inserido é estar dentro, por dentro, fazer parte, ter ligação, ser da casa, participar.

Ecologia é algo mais recente dentro da reflexão das Comunidades Religiosas Inseridas. Isso não significa desconhecimento, ao contrário. Todos têm noção e de uma ou outra maneira percebem a sua importância. Isso ficou particularmente claro no Seminário Nacional do GRIMPO sobre ecologia, em agosto de 1994, na cidade do Recife. Todos concordamos com a importância e urgência do assunto, mas com diversidade de conceitos e compreensões. Temos de nos afinar e aprofundar mais. É o que vamos tentar fazer mais adiante.

A palavra ecologia vem do ajuntamento de duas palavras gregas: *óikos*, que significa casa, habitação, e *lógos*, que significa fala, discurso. Ecologia é, portanto, a fala sobre a casa ou o discurso sobre a habitação. Mas atenção: na ecologia a casa não é só a construção que nos protege do sol, da chuva e do vento. Casa é tudo o que a pessoa precisa para se proteger, se alimentar, descansar e relacionar-se. A casa é a

construção, são as coisas, as plantas, os bichinhos e tudo o que vive dentro e ao redor dela. A ecologia nos mostra que a casa é o mundo onde vivemos, o mundo de que necessitamos para viver. Precisamos, portanto, falar mais sobre o mundo, o ambiente em que vivemos, pois há muitos ponteiros para acertar. Ninguém pode dizer que está fora, pois não há gente sem responsabilidade sobre o bem ou o mal, do lugar onde vive.

Leitura livre. Vamos agora olhar a questão ecológica do jeito que se apresenta a palavra *ecologia*. “Eco” é o reflexo do barulho que fazemos. É só fazer a experiência: você fala, o som vai até um obstáculo e volta até você, mas não volta do jeito que foi. É preciso atenção para perceber que saiu de você. Assim, a ecologia trata dos reflexos das nossas relações, entre nós e com o ambiente em que vivemos. Nesse sentido, é grande apelo à responsabilidade de nossos atos, de todos os atos, tanto privados quanto públicos. “Lógico” é o resultado direto de uma ação. É a reação coerente com a ação. Muitas vezes dizemos: “Isso é lógico!”, queremos dizer, “está na cara”, deu no que devia dar. Quando não dá a lógica, o povo costuma dizer: “Deu zebra!”. Precisamos levar mais a sério o mundo que nos rodeia, o ambiente em que vivemos, ter um olhar mais amplo, sem perder a realidade concreta e particular do nosso dia a dia.

Por que a Vida Religiosa Inserida está preocupada com a ecologia?

São várias as razões. Vamos especificar algumas.

1. Razão da causa e consequência

A situação que a Vida Religiosa Inserida enfrenta, onde está localizada, não foi gerada pelos que lá estão. Mas a continuação do problema depende dos que lá estão. A população marginalizada é consequência de uma ação mais ampla e mais abrangente. É consequência de quem determina o jeito de arrumar e organizar a nossa grande casa que é o planeta Terra. Mas tais consequências não são isentas de responsabilidade. É possível um processo de mudança. Por exemplo: não é suficiente trabalhar na Pastoral da Saúde

para tratar dos doentes. É preciso trabalhar na política da saúde, que, por sua vez, exige trabalhar na política de saneamento básico e alimentação para melhorar o ambiente e a vida da população, e fazer desaparecer as doenças. Mais ainda, é preciso trabalhar na articulação das políticas para que a saúde tenha o espaço e o trato que merece dentro do conjunto dos setores da comunidade. Isso faz com que nossa ação na favela tenha, necessariamente, que criar uma ação na administração e na opinião pública. Trata-se de criar um novo jeito de nos organizar e nos relacionar onde estamos. Um jeito equilibrado, que considere todos os seres, todas as coisas no seu lugar e função, sem supervalorizar uma e menosprezar outra. Não podemos nos acomodar com a realidade. Ela precisa ser mudada. Não podemos também idealizar demais as coisas a ponto de não dar importância à realidade que aí está. Geralmente a realidade de fora é reflexo da realidade de dentro das pessoas e vive-versa. É preciso atingir as causas e também impedir a multiplicação dos agentes delas.

2. O significado da ecologia

É um assunto que interessa a todos: os que têm casa e os sem-casa, os que têm terra e os sem-terra, os que têm água e os sem-água, os que têm verde e os sem-verde, os que têm consciência e os sem-consciência do alcance de seus atos, os que exploram e os que são explorados. Vivemos no mesmo mundo, dependemos do mesmo sol, do mesmo ar, da mesma água e chuva, da mesma terra. Toda ação humana tem reflexos no equilíbrio do ambiente. O desequilíbrio do ambiente põe muita vida a perder.

3. Razão histórico-sociológica

Por ocasião da última Assembleia do GRIMPO Cone-Sul, realizada em Assunção-Paraguai, nos demos conta de que os marginalizados em meio aos quais vivemos são comparados ao lixo da cidade. Ironicamente, muitos vivem

de restos e lixo. Este grave problema é gerado por um tipo de relação perversa que alguém estabeleceu: com as coisas, com a terra, com as pessoas, com tudo. É um problema de compreensão do mundo, de organização do mundo e do tipo de relação que se estabelece nele. A marginalidade é fruto de uma perversão ecológica. A exclusão de toda essa gente é um problema local, regional e mundial, por isso mesmo é um problema ecológico. É um relógio de muitos ponteiros que precisa caminhar em compasso. É uma viola de muitas cordas que precisa tocar afinada.

Mas, diferentemente do lixo, as pessoas excluídas podem ser sujeitos de seu próprio destino. Elas têm condições de reverter o quadro. Sem posse e poder, elas são inteligentes, sensíveis e capazes de posse, de poder e de amor. É preciso ressuscitar e trabalhar nelas “o poder dos fracos”. O poder dos fracos, dos pequenos não é invenção humana. É puro Evangelho de Jesus de Nazaré (Lc 10,21).

A Vida Religiosa Consagrada Inserida precisa trabalhar a questão ecológica pela fé, pela opção que fez, pela missão que tem, pelo Reino de Deus. Uma sociedade que transforma pessoas em lixo é construtora do antirreino, por isso, ecologia tem a ver com o Reino de Deus.

4. Iluminação bíblica

Os capítulos 1 e 2 do livro do Gênesis nos revelam como devem ser as relações das criaturas entre si e com o Criador, a partir da maneira como se desenvolve o conjunto da narrativa. Uma leitura atenta destes textos evita a adesão a um ecologista panteísta ou ateu.

No primeiro capítulo, segundo a ordem da criação, o ser humano foi o último. Tudo foi criado e colocado à sua disposição. Mas o homem e a mulher foram criados segundo um modelo bem preciso: *imagem e semelhança de Deus*. É nesse modelo que lhes é confiada a criação, o mundo e tudo o que nele existe. O homem e a mulher têm o dever de seguir as atitudes de Deus no mundo. Atitudes que o texto revela como atenção, carinho, dedicação, cuidado e compromisso.

As criaturas, por sua vez, têm o direito de cobrar do homem e da mulher uma atitude coerente com o Criador. A relação que se estabelece é de convivência, de coparticipação sem submissão da humanidade, sem exploração da vida. Segundo o texto, Deus criou, organizou e construiu. Não destruiu nem deu autorização para as pessoas fazerem isso.

No segundo capítulo, o lugar do homem e da mulher fica ainda mais claro e definido. Basta ler com atenção. Segundo o texto, a terra estava vazia e, antes de qualquer coisa, Deus fez o homem da terra e do sopro de sua boca. Depois plantou um jardim bem irrigado e colocou o homem para guardar e cultivar. Isso significa fazer continuar jardim. É uma parceria desigual, mas Deus quer contar com o homem e não o isenta de responsabilidade nesse processo. O fato de ser o homem quem dá nome aos animais estabelece entre eles uma relação de identificação e de pertença, mas também de responsabilidade. Não se trata de propriedade, como muitos quiseram interpretar. Finalmente, para fechar o trabalho da criação, Deus anestesia o homem para que não descubra o segredo, e faz a mulher. Só então o homem sente que as condições de vida e as perspectivas de futuro estão completas. Assim, a mulher é a resposta de Deus ao anseio de comunhão do homem e do mundo. O homem e a mulher são a presença do Deus criador e inventor, um para o outro e para as demais criaturas. A mulher é a garantia da continuidade da vida na Terra com a ternura original de Deus. Os demais seres criados são necessários para que os objetivos divinos possam perseverar.

De fato, a relação feminino-masculino é de fundamental importância para o estabelecimento de uma relação harmoniosa entre todos os seres. Um mau relacionamento entre homem e mulher afeta toda a criação; por outro lado, uma boa relação entre eles é graça para todo criador (p. 218).

Aqui no texto, o homem lança um grito de júbilo ao contemplar a mulher, pois, a partir dela, acaba a solidão. Agora, ele encontra perfeita correspondência. Existe complementação recíproca até a plenitude da humanidade.

No primeiro capítulo de Gênesis, mulher e homem são criados juntos, num mesmo momento e com uma mesma missão. Somente juntos, homem e mulher, somados, unidos, são capazes de ser imagem e semelhança de Deus.

No terceiro capítulo do Gênesis, o autor sagrado considera o domínio do homem e a submissão da mulher fruto do pecado, consequência de uma ação deteriorada.

Em Gn 3,20 o homem descobre que sua impotência diante da morte é vencida com a mulher. Não é possível viver sempre, mas é possível renovar a vida, gerando juntos, homem e mulher, novas vidas. Assim, a batalha está ganha. A vida continua.

Aí está a iluminação para a ação que leva a sério o conjunto das relações e das funções dos seres criados, segundo a nossa fé.

Mas o que vemos hoje é um grande contingente de expulsos do jardim. O jardim já não é para todos. A tarefa de cultivar deu lugar à exploração. Exploração que tomou conta de tudo, vegetais, minerais, animais e humanos.

5. Razão cristã

O mesmo motivo que levou a Vida Religiosa Consagrada a se inserir é o que deve levar a Vida Religiosa Consagrada a trabalhar a ecologia. Cada movimento, grupo ou partido ecológico tem seus motivos e objetivos. A Vida Religiosa Consagrada também tem seus motivos e objetivos específicos. No centro deles está a atitude de Jesus de Nazaré. Jesus iniciou o processo redentor do mundo pela pessoa humana, e pela pessoa humana pobre, desprovida de posse e poder. Jesus assumiu carne e osso em sua própria pessoa, e fez disso sua missão. As narrativas dos quatro evangelistas estão recheadas dessa iluminação, particularmente reveladas nas bem-aventuranças (Mt 5,1-12 e Lc 6,20-26, e ainda Mt 11,1-6 e Lc 4,16-21). É por aí que se muda o mundo do pecado, com seus frutos desastrosos, no mundo da graça, com seus frutos deliciosos. Nossa questão é a vida, toda a vida, mas a partir da pessoa humana como fez Jesus de Nazaré.

Não se trata, portanto, de salvar o mundo das ações dos homens ou salvar os homens das loucuras do mundo. Não se trata de adorar o mundo ou superexaltar o homem. Trata-se de buscar relações de convivência harmoniosa, equilibrada e respeitosa, a partir da pessoa humana, pela pessoa humana, para todos os seres.

O Evangelho do Reino de Deus anunciado e implantado por Jesus não é só para as pessoas. É para todas as criaturas. É por isso que Paulo, quando escreve aos Romanos 8,19-23, diz que todo o mundo criado aguarda ansiosamente a manifestação dos filhos de Deus. Toda a criação foi sujeita à vaidade. Agora ela geme e sente dores de parto, aguardando, como os filhos do Reino, a libertação da corrupção e a redenção. A libertação e a redenção da humanidade não estão separadas das demais criaturas. O nosso bem tem a ver com o bem delas e o bem delas tem a ver conosco. Isso é Evangelho cristão e precisa ser levado a sério.

6. Desafios da ecologia desde a inserção

a) Estabelecer equilíbrio entre o universal e o particular

É característica da inserção a particularidade. É impossível inserir-se sem espaço e tempo concretos. A inserção exige opção determinada e definida, tem identidade e endereço, por isso corre perigo de esquecer a dimensão universal do problema concreto que enfrenta. O lugar onde estamos e vivemos é uma partícula de uma infinidade de planetas, estrelas e galáxias, mas é o nosso lugar, da nossa ação e tem influência sobre muitos outros. O pouco de cada um faz o todo. A omissão e o desrespeito de cada um estragam o todo. Não dá para se entregar nem ao sentimento de inutilidade e insignificância nem à sensação de grandeza e exaltação como senhor de tudo. É preciso cuidado para não andar com a cabeça na lua, pensando que nada se pode fazer, já que tudo é tão grande e tão complexo, ou então fechar-se no seu problema, pensando que o mundo todo é isso aí. Os

óculos da ecologia devem conjugar a particularidade das ações com a universalidade de suas influências.

b) Criar ou resgatar o senso de pertença

Quando a gente não se sente da casa, não tem ânimo para cuidar dela. Todos sabemos que há mais interesse, criatividade e empenho com aquilo que, por uma ou outra razão, tem a ver conosco. É diferente minha atitude quando estabeleço laços com a casa, com a rua, com o ônibus, com o centro comunitário etc. A falta do senso de pertença leva ao descaso, e o descaso favorece a especulação, o roubo, a corrupção e a destruição.

Para uma relação harmoniosa é necessário um senso de pertença apurado. Notemos bem, senso de pertença, não de posse. O senso de posse é inimigo do ambiente e da vida comunitária. Por outro lado, o senso de marginalidade é inimigo de tudo. O senso de pertença é assim: eu pertenço à casa e ela me pertence. Eu sou dela, ela é minha. Mas ela não é só minha nem eu só dela. É gostoso estar nela. Ela fica mais alegre comigo.

É difícil o senso de pertença para os despejados e migrantes. A constante vivência do provisório faz perder o amor e o carinho para com a terra onde se pisa, para com as coisas que se usa e para com tudo o que é mais ou menos fixo.

c) Garantir a participação no planejamento, na execução e nos frutos

O processo participativo é fundamental para a criação do senso de pertença e para a boa harmonia das relações. Participação em todas as instâncias. É algo demorado, especialmente onde impera a mentalidade do poder, exercida de maneira piramidal. É pela participação no planejamento, na execução e nos frutos que se resgata o sentido de sujeito da história e o sentido de cidadania.

d) Resgatar a dignidade humana, evitando o desejo de vingança

O sofrimento dos excluídos deu a eles a experiência e a nós a certeza da iniquidade do sistema de organização da sociedade em que vivemos. É preciso buscar alternativas. Certamente, a novidade evangélica vem da periferia, como entendeu Jesus de Nazaré. A Boa-Nova que liberta se manifesta nos que viveram na pele a experiência de opressão. Mas isso não acontece assim tão naturalmente. Há muitos que, tendo sido explorados e oprimidos, guardam e cultivam dentro de si um profundo desejo de vingança. Não veem a hora de chegar ao poder ou ter alguma coisa para descontar no primeiro que aparecer pela frente.

e) Trabalhar o valor das criaturas em si, especialmente as pessoas

Estamos dominados pela ideia de que o valor depende da proximidade que temos com o poder ou com o dinheiro. Há muita gente que faz questão de dizer que é amigo do irmão da cunhada do deputado fulano de tal. Fala isso com orgulho, porque por meio dessa aproximação pensa ser alguém. Outros fazem questão de tirar fotos com o prefeito ou o governador e pendurar na sala principal, para que todos vejam que eles são importantes. Isto é o jeito que encontram para levantar a própria estima. A autoestima é um grande alvo de manipulação no estabelecimento de relações interesseiras. Precisamos atingir esse alvo para mostrar o valor que as pessoas têm em si. A dignidade humana ninguém dá e ninguém tira. É Deus quem dá. A gente só faz reconhecer ou ignorar. Precisamos reconhecer, como São Francisco de Assis, que somos todos filhos do mesmo Criador. Somos todos criaturas, irmãos uns dos outros. Uma irmandade que não faz distinção pela posição que alguém ocupa, mas que se faz no reconhecimento da propriedade e da especificidade de cada criatura. Uma irmandade que louva a Deus pelas diferenças que complementam o todo, estabelecendo assim a harmonia da vida na Terra. É necessário cultivar o

respeito à ordem e o lugar próprio da criatura. Tudo é bom se está no lugar e na função que lhe é própria.

f) Criar espaços de solidariedade em defesa da vida, de toda a vida da Terra

Não é necessário fazer grandes coisas, mas ter boa sensibilidade e uma dose de coragem para denunciar e anunciar o que está acontecendo. É comunicar e articular. A força dos pequenos está na união, na capacidade de articulação. É a força da comunhão que faz a diferença. A força da fé leva à comunhão. A certeza de não estar só alimenta a fé. No mundo de hoje não é mais admissível lutar sozinho. Cada qual, no seu lugar, deve estar em comunicação e articulado com os que lutam pela mesma coisa, sejam eles quem for e estejam onde estiver. As grandes estruturas de corrupção, sedução e destruição só serão vencidas por uma rede viva de solidariedade ativa. Não é por nada que a Igreja do Brasil se volta hoje para os excluídos. Eles são mais de 64,5 milhões em nosso país.¹ São moradores de rua, idosos, aposentados, encarcerados, prostituídos, subnutridos, doentes, deficientes, drogados, aidéticos, alcoolizados, escravos etc. Eles são herdeiros afastados da herança. Não perderam os direitos, mas foram violentados em seus direitos. A questão não é só a pessoa excluída, é o mundo, o lugar, o ambiente, a convivência da qual foi excluída. A ocupação com o excluído é a ocupação com o mundo a partir da periferia, da margem, do lado fraco e deserdado. É algo muito perigoso, passível da exclusão, mas é Evangelho puro de Jesus de Nazaré.

g) Regenerar as relações masculino-feminino

Basta uma simples observação do dia a dia para ver que a relação mulher-homem precisa de uma séria revisão. Há muita competição, exploração e medição de forças nesse relacionamento. O machismo é um grande mal. O feminismo não é diferente. A saída não se dá pela inversão de papéis nem pelo confronto, mas pela regeneração dos elementos fundamentais, do que é específico do homem e do específico da mulher. Ter em comum estes elementos em vista da

1. Dados de 1995.

complementaridade e comunhão é o caminho. Não só, mas definir, cultivar e respeitar o que é próprio de cada um.

A harmonia da criação, das criaturas, passa pela harmonia das relações homem-mulher: quem não leva a sério isso não pode se chamar cristão.

A Vida Religiosa Consagrada precisa reconhecer que tem sérias lacunas a preencher neste sentido.

Conclusão

A Terra Prometida, a harmonia de tudo, o mundo da fraternidade universal não é uma realidade perdida, mas uma causa a ser conquistada. Não há que se esperar, há que se construir. É claro que não depende tudo de nós, mas sem a nossa iniciativa não se realizará. Deus já fez a sua parte e continua propondo parceria. A resposta é nossa.²

FREI MOACIR CASAGRANDE, ofmcap

2. Fonte: *Convergência*, 1995, abril, p. 215 a 221.

Minha querida CRB,

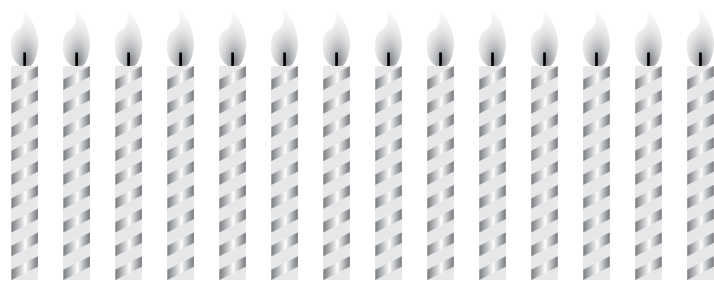
Ei-la sexagenária! Teoricamente, você deixa o clube das “sexy” e ingressa o das já bem vividas “sexa”! Digo teoricamente, pois devemos contar com o poder de sedução do charme outonal!

Como passa rápido o tempo cronológico! Ainda lembro de Ana Roy, já bem doente, no teu jubileu de ouro: “CRB casa da VRC do Brasil, CRB comunidade da VRC do Brasil, CRB comunhão da VRC do Brasil, CRB conferência da VRC do Brasil, CRB convergência da VRC do Brasil, CRB coração da VRC do Brasil...”¹

Chego tarde com meus votos de feliz aniversário, sou uma freira ocupada! Sim, chego depois de um dia de trabalho, quando finda a luz e bate aquela saudade daquilo que já se foi... e de repente a palavra “crepúsculo” embaça os olhos e gela o coração... Mas tu e eu sabemos entrar noite adentro sem adormecer, não é? Vamos puxar duas cadeiras e conversar? Vamos partilhar o que faz arder os nossos ainda jovens corações?

Eu sei que você entende da “terra do contrário”, por isso trago um bolo com velas acesas e te peço, por favor, que não as apague! Errei na conta, o bolo tem oitenta luzeiros pequenos e teimosos, mas não tinha como deixar vinte para trás só por causa da tua idade! Pensando bem, quem sabe seja um convite a olhar para os próximos vinte anos! Desde pequena, sonho com bolo de aniversário falando dos anos por vir e não dos tempos idos!

1. ROY, Ana. *Assembleia da CRB de Salvador*, 2004.



Agora o tempo é “*Kairós*”, tempo nosso e de Deus. Vamos curtir sem pressa a dança desses luminares?

Irmã Márian já te falou deles quando te deu os parabéns.² Acho que vale a pena olhar para cada um! São os sinais de vida que os mais de 800 jovens religiosos/as do “Congresso das novas gerações”, em fevereiro 2013, decifraram na tua, na nossa vida!

Conservando as expressões utilizadas pelos próprios jovens religiosos e religiosas,³ tentei descobrir as harmônicas que aparecem no conjunto. Na realidade, só fiz arrumar as velas do teu bolo, pela proximidade e o contraste das cores!

Uma primeira tônica é aquela que brota do fundo dos corações, quando bebemos do nosso próprio poço! Aqui estamos no cerne da VRC, tocamos na sua mística profunda: a relação tecida com Jesus, o caminho construído com Ele. A turma fala de vivências espirituais profundas:

- Descida dentro do coração para encontrar Deus.
- Jesus, absoluto da minha, da nossa vida.
- Volta ao primeiro amor, ao desejo fundante.
- Confiança que Jesus está conosco no caminho da vida.

Outros sinais releem a experiência da comunidade de vida, destacando o positivo nas relações. Acredite, tudo não é conflito mal resolvido em nossas casas:

- Vivência e escuta “com o coração”.
- Alegria da partilha.
- Troca de experiências entre gerações!
- Humildade nas relações.
- “Mistagogia” da vida comunitária.

2. AMBROSIO, Márian. *Convergência*, p. 190, abr. 2014.

3. As expressões em destaque são da autoria dos/as jovens religiosos/as do Congresso.

Dois temas aparecem entrelaçados e voltam com muita insistência: o povo, a missão. Que bom! Mesmo sem ter a cabeça formatada, graças a Deus, eles e elas vão percorrendo os elementos do núcleo identitário da VRC, deixando estes elementos interagir. Nesta fase do juniorato e dos dez primeiros anos após os votos definitivos, a missão catalisa as energias, a VRC apostólica se experimenta como uma vida “pés com coração!”. Veja o que é percebido como algo positivo, algo que faz arder o coração:

- Missão em si.
- Entusiasmo revigorado para a missão, novo ardor.
- Olhar aberto e atento para as pessoas.
- Escuta dos apelos do mundo de hoje.
- Experiência encarnada no chão dos pobres, estar com eles.
- Doação aos que estão em nossa volta na missão.
- Ser pão partido para um povo quebrado.
- VRC no meio do povo: só assim tem sentido.
- VRC a caminho: ela se perde quando se prende a lugares e não se desinstala.
- Crescimento da experiência missionária.

Aqui aparece um fio de ouro: para os sinais emergirem, necessário se faz insistir em determinadas atitudes neste chão da missão... O esforço para treinar e priorizar estas atitudes, em si, é também sinal de vitalidade; os/as jovens têm consciência disso:

- Ser presença sem deixar de ser gente.
- Sair de si e se aproximar dos pobres, “Do menino pobre que tem o fósforo!”.
- Sair da nossa zona de conforto.
- Promover a vida.
- Não ter medo dos desafios da missão.
- Não perder de vista Jesus, “O Eterno Menino pobre”.

A última destas atitudes nos leva de volta à mística. A primeira abre o espaço da humanização e do necessário cultivo

de si. O grupo sinalizou elementos vitais neste campo da formação pessoal:

- Buscar um verdadeiro conhecimento de si, ter coragem de se autoconhecer.
- Quebrar o espelho, romper com o narcisismo.
- Acreditar na nossa criatividade.
- Aprender a integrar o sofrimento na caminhada, o sentido vital da cruz.

Há lucidez também no fato de olhar como sinais saudáveis os não, as atitudes e caminhos de morte, tais como:

- Muitas palavras e pouca ação.
- Falta de coerência entre as palavras e o sim no cotidiano.
- Ficar só na crítica.
- Esperar e cobrar mudanças dos/as outros/as.

As novas gerações são sensíveis aos sinais de vida que vêm de outras pessoas:

- Presença de profetas na Igreja, na VRC.
- Jovens que querem realmente a VRC, Deus ainda suscita vocações.
- Pessoas fora e dentro da VRC que são testemunhas vivas do Evangelho.
- A CRB com seu olhar novo, acolhedor para os/as jovens consagrados/as.
- O próprio Congresso, a coragem que tivemos para concretizá-lo.

Sinto, porém, um vazio: ninguém parece sentir vida que palpita no carisma da sua congregação, apenas uma necessidade, a de:

- Voltar à “raiz fundacional”.

Uma provocação para as congregações refletirem? Um convite a investir mais no intercongregacional? Iremos falar disso numa outra oportunidade!

Finalmente, os sinais de vida apontam para sinais de esperança, vida que brota da vida, num horizonte que queremos

crer não seja tão distante assim! Por isso, junto com eles/as e com você, minha velha CRB, me ponho a sonhar:

- Uma VRC recriada,
- Com mulheres e homens simples, de olhar sereno,
- Que partilham o pão da vida com o povo,
- Têm liberdade e autonomia responsável para estar com o povo sofredor,
- Conhecem a sabedoria que transforma a dor em vida para si e para outros/as,
- Abraçam esta proposta com leveza e ânimo.

Incrível, não? Mas chega de velas, a noite avança e trouxe também outro presente: um diamante! Jubileu de sessenta anos, você merece um diamante, a pedra preciosa que simboliza a força e a eternidade do amor! A pedra transparente, talhada, trabalhada até que se torne puro reflexo da luz do sol! Sabe, CRB querida, você envelhece, mas não pode ficar velha, e achar que bijuterias são mais seguras nos tempos atuais do que a joia de valor! Precisamos tanto ver sua joia brilhar sem medo! Precisamos tanto que você deixe o sol da profecia e da justiça brilhar no seu dedo! Você pode andar na periferia com aquela joia, na Amazônia, no Haiti, nos becos do tráfico humano, não será roubada!

Veja, os primeiros reflexos de um novo dia surgem no horizonte; fique de pé que vamos cantar a Vigília do Natal, da Páscoa e do Pentecostes ao mesmo tempo! Eu a convido, não para um ocaso, mas para o raiar de uma nova festa!

I Seminário sobre Intercongregacionalidade e atuação profético-missionária da Vida Religiosa Consagrada*

“Há um tempo em que é preciso abandonar as roupas usadas, que já têm a forma do nosso corpo, e esquecer os nossos caminhos, que nos levam sempre aos mesmos lugares.

É o tempo da travessia: e, se não ousarmos fazê-la, teremos ficado, para sempre, à margem de nós mesmos.”

(Fernando Pessoa)

De 1º a 4 de maio de 2014, no Centro Cultural de Brasília, realizou-se o I Seminário sobre Intercongregacionalidade, destinado às Equipes de Coordenações Gerais e Provinciais; Religiosas e Religiosos que atuam ou já atuaram em experiências intercongregacionais; Diretoria Nacional da CRB; Equipe Interdisciplinar da CRB; Coordenações Regionais da CRB.

O Seminário teve quatro objetivos:

- fortalecer e proporcionar a partilha de Carismas e experiências, buscando maior leveza institucional, em vista da missão;
- ampliar a reflexão sobre a Intercongregacionalidade;
- envolver Religiosas/os cuja missão primeira é animar a Vida Religiosa e as Instituições;
- dar continuidade aos processos iniciados, potencializando o sonho e a concretização da intercongregacionalidade.

Análise de conjuntura

Ir. Eurides Alves, coordenadora da Rede Um Grito pela Vida, apresentou a Análise de Conjuntura. Convidou-nos a sintonizar nosso coração, a partir do nosso local de atuação.

* Resumo elaborado a partir dos relatórios das Irmãs Antônia dal Mass e Elizete Dias.

Foi liberada a palavra para se partilhar as muitas realidades: violência, migração, questões indígenas, impunidade, desvio de verbas, agrotóxicos, desvalorização da vida, saúde pública, manifestações populares reivindicatórias de bens para as comunidades, mercantilização da política, modelos de família, racismo, trabalho escravo, violência no trânsito, tráfico de órgãos, moradores de rua, impacto dos grandes eventos (Copa), tráfico de pessoas, educação, demarcação de terras, saúde dos povos indígenas, hidroelétricas, política norte-americana e outras realidades.

Uma análise de conjuntura é uma fotografia dinâmica da realidade tirada em movimento. Funciona como um mapa que nos permite viajar na realidade – longe e perto. A análise de conjuntura busca traçar um mapa da correlação das forças econômicas, políticas, sociais, culturais e religiosas, que constituem o tecido societário.

1º Eixo: Ir. Áurea Marques – Intercongregacionalidade como Aliança

Aliança é a palavra-chave que inspira a intercongregacionalidade. É motivação profundíssima para novos desafios e novos cenários, e juntas/os somos mais fortes. A intercongregacionalidade inspirada na Aliança é suscitar a excelência da qualidade de nossa vida consagrada. Mais que reconhecimento dos limites, fazer Aliança entre as congregações com criatividade.

Aliança faz compartilhamento de capacidades, recursos, detalhamento das ações, projetos comuns. No mundo administrativo nem sempre aliança tem sentido de sobrevivência, mas de instrumento poderoso para alcançar os objetivos mais audaciosos de expansão.

Projeto intercongregacional vai além da ideologia de mercado, além de filantropia; seu fundamento é a fé em Jesus Cristo, fidelidade ao Evangelho.

O que é que cativa e cultiva a intercongregacionalidade para prosseguir na construção das alianças? Biblicamente,

Deus toma a iniciativa da aliança. Por consequência, vem o discernimento. Na história da CRB há muitas experiências. Muitas congregações já vivem a intercongregacionalidade.

Necessário é avaliar os critérios para definir quem vai compor a missão intercongregacional: ver as motivações; não enviar quem não está bem na congregação, por não saber onde colocá-lo. A escuta, o acolhimento, a abertura, a avaliação constante: esses elementos ajudam na construção da comunidade intercongregacional.

Ninguém pode colocar numa redoma a ação do Espírito de Deus. Quando fazemos a aliança, não deixamos o nosso carisma, mas ele brilha na convivência e no encontro. Aliança não é contrato jurídico, mas é coisa do coração!

2º Eixo: Pe. Edson, Missionário do Verbo Divino – Intercongregacionalidade em vista da Missão Profética da VRC

A VRC congregacional, com identidade bem definida que nos quer especialistas e tecnicistas, está no fim. Aonde vai o Espírito nesta crise epocal? Jesus mostra que o carisma se faz no caminho! O caminho exige ligeireza! A ligeireza no agir está na sintonia do nosso coração com o espírito do momento. Nós perdemos este profetismo! Não é por conjuntura circunstancial que fazemos a intercongregacionalidade, mas para seguir o Espírito que nos convoca!

Quando falamos de profetismo da VRC, precisamos saber de que profetismo estamos falando. O profetismo da intercongregacionalidade está no profetismo que corre por fora. Estar no caminho e não nas nossas casas cuidando dos nossos muros. Assim, no caminho, podemos ter o mesmo destino de Jesus.

Para o Padre Edson, “se não tivermos mística pessoal e congregacional, não vai acontecer a experiência. Mística é cultivo! Precisamos ser pessoas minimamente resolvidas. Usar todos os instrumentos que estiverem ao alcance! Quem tem de tomar a iniciativa é você! Por isso, é importante que

você seja uma pessoa minimamente resolvida! Hoje, faltam homens e mulheres protagonistas! Tome a iniciativa, não espere que a chefia tome a iniciativa”.

3º Eixo: Ir. Annette Havenne – Intercongregacionalidade – comunidade para a missão

Não são os sonhos que morrem primeiro, mas as relações se desgastam e provocam a morte dos sonhos. Assim, é preciso investir nas relações com Jesus, na comunidade. Se não perder tempo com a comunidade, ponho em risco a missão. Nenhuma missão vai para frente sem as relações da comunidade.

Três elementos são fundamentais:

- 1) ser minimamente resolvida/o – capacidade de centrar-se e se apoiar na relação com Jesus para depois se doar na missão, descentrar-se;
- 2) minha relação com meu carisma da congregação – devo estar tão impregnado do meu carisma que não preciso falar dele, mas pelo meu modo de viver ele vai aparecer;
- 3) viver numa comunidade intercongregacional vai me dar mais ocasiões de solidão, mais que na própria congregação. Acolher esta solidão.*

Pistas de ação

Trabalho em grupo

1. Como repassar e fomentar a intercongregacionalidade nas congregações?

- A CRB deve elaborar material com as experiências (subsídios, filmes, artigos para a Convergência).
- Fazer divulgação e mentalização através dos Regionais, diretoria, CRB Nacional e no interior das congregações.

* Ir. Annette transformou sua palestra em artigo, publicado na *Convergência* de setembro de 2014. (N.E.)

- Proporcionar boa partilha, seja nas comunidades e nas congregações, seja nas Regionais e nos núcleos.
- Favorecer pequenas experiências, visitas, contatos, desde a formação inicial.

2. Como desenvolver uma espiritualidade e teologia para a intercongregacionalidade?

- As reflexões teológicas tenham como ponto de partida a realidade vivenciada nas experiências e seja cultivada a espiritualidade da aliança.
- A CRB continue dinamizando o processo de *intercongregacionalidade*, acompanhando as experiências e promovendo encontros.
- Espiritualidade e mística – cultivo integrado da mística e profecia vividas em comunhão.
- Teologia do encontro e das relações, e partilha encarnada na vida dos empobrecidos.

3. Como comunicar as necessidades e iniciativas existentes?

- Elaborar uma revista popular para divulgar as experiências e fundamentar teoricamente a intercongregacionalidade.
- Se houver necessidades concretas, elaborar um projeto e divulgá-lo através do site da CRB.
- Socializar, sistematicamente, as experiências apresentadas, através dos sites das congregações e outros, e através de vídeos tecnicamente bem elaborados.
- Aproveitar a *Convergência* para publicar artigos que fundamentem e impulsionem as reflexões e experiências.

4. Processo formativo: espiritualidade, relações, conjuntura e metodologia atualizada, avaliação... (G 8, 9, 10)

- Que a CRB continue apoiando os polos de formação (Brasília, Amazônia, Porto Velho...), priorizando a temática da formação na missão intercongregacional.
- A CRB e as Congregações priorizem a formação inicial da juventude na dinâmica da intercongregacionalidade e proporcionem espaços de experiências para a fase do Noviciado.
- Planejar experiências de missão intercongregacional nas diferentes etapas da formação.
- Formar para a intercongregacionalidade em todas as etapas de formação.
- Qualificar, sistematizar e ressignificar as atividades existentes, priorizando o projeto de missão, com seu foco e com atenção prioritária para a formação.
- Reunir as pessoas que estão nas experiências para elaborar um balanço e projetar novas pistas no trabalho Intercongregacional, de acordo com os novos tempos, desafios e situações, com o objetivo de vivenciar a nossa profecia.

Estas pistas deverão encontrar sua implantação em diversos níveis: na CRB Nacional, nas CRBs Regionais e nas Congregações/Províncias.

* **Vera Lúcia Parreiras Horta**, monja beneditina, foi enviada pela Abadia de N. Sra. das Graças, Belo Horizonte, em 1977, para a fundação do Mosteiro do Salvador, em Salvador, Bahia. **Endereço da autora:** Mosteiro do Salvador, Av. Afrânio Peixoto, s/n, Coutos, CEP 40750-090, Salvador-BA. **E-mail:** amahvera@gmail.com www.mosteirosdosalvador.org.br.

1. A Comunhão Internacional de Beneditinas, CIB, começou nos anos 1960 como uma comissão do Abade Primaz da Ordem de S. Bento, reunindo algumas superiores das congregações beneditinas

A missão da escuta

MADRE VERA LÚCIA, OSB*

“Queridas Abadessas, Priorosas, e Irmãs em São Bento e Santa Escolástica, PAX! É com grande alegria que estamos nos preparando para o Simpósio da CIB,¹ que será em setembro deste ano, em Roma (...) nossa Delegada pediu-me que entrasse em contato com as comunidades de nossa Região, pedindo que me enviassem uma ou mais fotos de sofrimento em nosso país. Que a foto mostre ‘o clamor de nossa Região’, ‘o grito de nossa Região’”.

O pedido enviado pela secretária da Comunhão Internacional das Beneditinas no Brasil coincide com o da redação da Revista *Convergência*, a saber, de como o clamor que sobe hoje de nossas ruas, da situação política, das questões ambientais e sociais ressoa naqueles que se dedicam ao seguimento de Jesus Cristo na vida monástica e contemplativa.

Raízes bíblicas

A palavra *clamor* nos remete de imediato ao livro do Êxodo, onde o *clamor* do povo de Israel na escravidão do Egito provoca a intervenção de Deus, a libertação, a peregrinação no deserto e a entrada na terra prometida. Intervenção que já visava a um horizonte mais amplo, o de toda humanidade chamada a viver o desígnio salvador de Deus. “Eu vi, eu vi a miséria do meu povo que está no Egito. Ouvi seu grito causado pelos seus opressores: pois eu conheço as suas angústias.”²

de vida apostólica e dos mosteiros de monjas. Percorreu um longo caminho até constituírem um único grupo, sem mais levar em conta a forma de clausura vivida. Deixando de ser uma comissão do Abade Primaz, passou a constituir uma Conferência de Delegadas do mundo beneditino, organizado em dezenove regiões, sob a liderança de uma moderadora eleita pelo grupo e um conselho administrativo, igualmente eleito. O relacionamento horizontal ganhou espaço cada vez maior, contando sempre com a presença do Primaz da Ordem. Em 2001, recebeu o nome de CIB e, em 2004, entrou na lei própria da Confederação Beneditina, por voto no Congresso dos Abades. Hoje a CIB é um órgão de animação e apoio à vida beneditina feminina e atua como conselho do Primaz nas questões relativas à mesma.

O Deus a quem dirigimos nossa salmodia a cada dia é o que ouve o clamor do seu povo. Apesar de apresentado como o que está nos céus, está perto dos seus. Não é como os ídolos dos pagãos de quem o salmista diz: “Têm olhos, mas não veem, tem ouvidos, mas não ouvem” – cf. Sl 115(113, B),13-14. Nosso Deus vê e ouve, ao contrário dos ídolos surdos, como mais tarde os do confronto entre o profeta Elias e os profetas de Baal no Monte Carmelo.³ O Deus de Israel ouve o clamor e age através de seus enviados, que fazem sentir a proximidade de sua intervenção.

Na gratidão experimentada pela libertação, levanta-se a pergunta: “Quem é este nosso Deus? Qual o seu nome?”. Só Deus responde à busca da sua identidade. No episódio da sarça ardente, revela um Nome que é um verbo. Define-se como *ação*. Nosso Deus *É e está ao lado dos seus*. Este nome é retomado ao longo de toda a história da salvação, até aparecer no Evangelho de Mateus como o Deus Conosco, o Emanuel. Indica seu compromisso com o povo e o convida a crer. Ele estará presente sempre que a humanidade procurar aquela dignidade a qual Paulo se refere, quando afirma que: “a criação em expectativa anseia pela manifestação gloriosa dos filhos de Deus”.⁴ Sim, a humanidade e a criação esperam! Todo gesto em direção à verdadeira liberdade pensada pelo Criador torna o Nome de Deus presente neste tempo que se chama *hoje*.⁵

Sabemos que os relatos das origens do Povo de Deus foram dados durante o tempo da monarquia em Israel e que se contam nos dedos os reis que foram fiéis ao código da Aliança selada. A história de reis indignos foi trágica, especialmente no Reino do Norte, o que suscitou a voz de profetas como Elias, Eliseu, Amós e Oseias. Homens de Deus, eles experimentaram o mistério de sua proximidade como um acontecimento da graça e como convite à conversão, à vida nova.⁶

Na linha dos profetas, monges, monjas e contemplativos de hoje vivem a tensão de se saberem chamados a testemunhar a presença e ação do Deus Conosco, embora se reconheçam frágeis e pecadores. Vivendo em seus mosteiros ou

nos eremitérios, permanecem sensíveis ao clamor da humanidade que experimenta desordem e opressão. Eles conhecem em seus corações a luta silenciosa para viver cada dia o mistério da Aliança, e renovam continuamente sua escolha em participar deste mistério que é vida em plenitude.

O termo contemplativo é estranho aos primeiros monges. Para nossos pais no caminho monástico, como, por exemplo, Evágrio Pôntico e João Cassiano – séc. IV –, a vida monástica era profundamente “ativa” enquanto compreendida como luta contra as paixões.⁷ A lenta conquista da liberdade interior e da unificação do ser é a *atividade* que abre caminho à união a Deus. Para os antigos pais, contemplação e caridade coincidiam. Feliz daquele que almeja a *contemplação*, a unificação de seu ser inteiro, a paz de seu Eu mais profundo.⁸

O clamor que no ano de 2013 sacudiu a sociedade brasileira através das redes sociais, o “Vem para a rua”, foi também ouvido nos claustros e acompanhado nas orações. De um lado, a resposta imediata e crescente da população civil, desejosa de contribuir para mudanças urgentes no país, foi motivo de esperança de dias melhores para os que sofrem. Mas a onda de vandalismo que o desvirtuou, interrompeu esta primeira reação e trouxe certo desencanto. Não queremos justificar a violência e muito menos as manipulações efetuadas em surdina, nem as ondas de vandalismo e agressividade. Nisto reconhecemos outro grito, desordenado sim, violento sim, sintoma de uma sociedade que vive um desequilíbrio na violação dos direitos das chamadas “massas sobrantes”, que gemem e sofrem a cada dia. O poder das redes sociais pode ser de efeito positivo ou negativo. Não deve ser nunca pensada como arma neutra. Pode edificar ou transformar-se em perigo, como vários episódios ao redor do mundo o demonstram.

Como assumir o clamor

As comunidades monásticas e contemplativas com certeza se questionam sobre qual a sua parte neste processo político

2. Ex 3,7 – BJ, Ed. Paulus, 2008 (5).

3. Cf. 1Rs 18,20-40.

4. Cf. Rm 8,18-21.

5. Cf. GRUEN, W. *O tempo que se chama HOJE*. São Paulo: Paulus, 1983, p. 92-93.

6. Cf. TEB, São Paulo: Loyola, 1994, nota “x” a Ex 3,6.

7. Cf. CASSIANO, João. *Instituições cenobíticas*. Salvador: CIMBRA, 1984. Livros V a XII.

8. Cf. RB 7, 67-70.

e social e diante das questões ambientais. Elas não estão isentas de ouvir o clamor que sobe de nossa sociedade, embora o modo de responder ao clamor seja próprio de sua vocação. A vida centrada em Deus lhes dá os recursos para realizar a missão que lhes compete no difícil contexto que os rodeia e responder, assim, à expectativa de que fala o *Documento de Aparecida*:

Os povos latino-americanos e caribenhos esperam muito da Vida Consagrada, especialmente do testemunho e contribuição das religiosas contemplativas e de vida apostólica (...) que mostram o rosto materno da Igreja. Seu desejo de escuta, acolhida e serviço, e seu testemunho dos valores alternativos do Reino, mostram que uma nova sociedade latino-americana e caribenha, fundada em Cristo, é possível.⁹

No Primeiro Testamento, Moisés, o profeta por excelência, em cujas pegadas seguem os outros, recebe o título de mediador. Inspirados em Moisés,¹⁰ os contemplativos podem hoje viver a mediação. Eles se reconhecem em Moisés, de modo especial, quando no cimo do monte ergue os braços enquanto Israel luta na planície,¹¹ solidário, intercede pelo povo e abre o caminho para a geração dos homens e mulheres chamados a contribuir, pela oração, para que os desígnios de Deus se realizem. É conhecida a definição dada por Evágrio Pôntico de que o monge é um solitário, solidário.

“Um fio de silêncio sonoro”

Outra figura bíblica que inspira a vida monástica e contemplativa é o profeta Elias.¹² Na gruta de onde ele sai ao encontro do Senhor,¹³ a presença de Deus não se revela no vento forte, no terremoto ou no fogo, mas no sussurro da brisa leve, na paz, em “um fio de silêncio sonoro” – expressão belíssima do Papa Francisco – que pede um ouvido aguçado. Elias sabe discernir onde está o Senhor e o Senhor, por sua vez, o prepara com o dom do discernimento. A partir de então recebe a missão.¹⁴

9. DAp 224.

10. Cf. LÉON-DUFOUR, Xavier. *Vocabulaire de Théologie Biblique*. Paris, 1970 (2), verbete, *Moïse*, 778-77.

11. Cf. Ex 17,10-12.

12. Elias é o profeta mais citado na obra de Atanásio de Alexandria, *A vida de Sto. Antão*, primeiro manifesto sobre o monaquismo, da maior importância para colocar o movimento nascente no séc. IV dentro da Igreja.

13. Cf. 1Rs 19,11-13.

14. Cf. Homilia do Papa Francisco em 13.06.2014, na Casa Santa Marta.

Elias é o profeta que *escuta* e age em favor da volta à Aliança. Ele apela à reconstrução das relações entre o rei e Deus, enfrentando um contexto de corrupção. A crise política provoca a seca, pois a natureza reflete o exercício da autoridade afastada de sua fonte, aquela que não realiza a missão de “fazer crescer” – o “*augere*” – que está na raiz do termo.

Homem do deserto, da oração, da sensibilidade e dos gestos concretos, Elias questiona este afastamento e aponta a direção. Como o profeta, somos chamados hoje à *escuta* do grito dos que sofrem os desmandos dos inescrupulosos e gananciosos, que exercem o poder de forma desequilibrada. Somos também convocados a ouvir os gemidos da natureza explorada até ao esgotamento, lembrando o deslumbramento da criação em sua beleza original.

Tecer relações em rede aberta

O grito dos povos e da natureza, em nosso contexto histórico, é base para o trabalho de construção de uma rede de relações. Rosy Demaret, leiga que vive sua fé cristã a partir do contato com um dos mosteiros belgas, falando da atividade da CIB, observa que este trabalho pode ser entendido dentro da dinâmica que parte do pequeno para algo sem limites. A rede não tem um nó que esteja acima do outro, seja pessoa, seja comunidade, pois cada nó está interligado com todos os outros. Também não tem margens. Abre-se para a comunhão com outras redes e, assim, torna-se imagem do Deus que é relação sem limites e tudo abrange. A este respeito diz a abadessa M. Thérèse-Marie Dupagne, OSB, delegada belga na CIB, que “A vida cristã é uma grande rede aberta para a vinda do Reino, aberta para a comunhão, que na eternidade será plena, universal. Só levaremos desta terra os laços de comunhão que tecermos durante nossa vida”.¹⁵

Um dos desafios que temos neste milênio e que encontramos já em nossas origens é o de tecer novas relações de fraternidade, onde todos tenham algo a dar e a receber. Como Elias à entrada da gruta no Horeb, onde Deus lhe aparece no “*fio de silêncio sonoro*”, as comunidades monásticas

15. Cf. *Living as a network*, Boletim da AIM – Aliança Monástica Internacional, Ampleforth Abbey, New York: Ed. Inglesa, n. 104, p. 78-87, 2013.

e contemplativas têm a missão de estar à escuta deste *fio* em sua oração pessoal e na liturgia comunitária, bem como no dia a dia de trabalho silencioso dos mosteiros que misteriosamente falam da paz oferecida pelo Ressuscitado. Em círculos que se espalham, os frutos desta escuta ultrapassam os muros dos mosteiros e se irradiam de forma misteriosa.¹⁶

“Interroga teus pais e eles te dirão”

Os homens e as mulheres de Deus que abriram o caminho para as comunidades monásticas e contemplativas de hoje iniciaram seu itinerário por uma moção do Espírito. “O Senhor prepara a alma, prepara o coração e prepara-o na provação, prepara na obediência, prepara na perseverança”, diz ainda o Papa Francisco comentando o trecho sobre Elias no monte Horeb. Foi a partir da busca de Deus que o profeta conseguiu renovar as forças e levar a cabo sua missão. Assim também nossos pais e mães na Vida Consagrada, em sua época, fizeram o itinerário pelo deserto até o seu Horeb, a partir de Cristo. Em cada um ressoou a pergunta formulada no hoje da Igreja pelo Papa Francisco em sua visita à comunidade das monjas beneditinas camaldolenses de Roma, no Aventino: “Sabemos esperar o amanhã de Deus? O amanhã de Deus é o amanhecer da Páscoa, daquele dia que é o primeiro da semana”,¹⁷ diz o Papa, querendo definir nossa missão, ao afirmar que “a esperança se nutre *de escuta, de contemplação, de paciência*, para que os tempos do Senhor amadureçam”.¹⁸

A Virgem Maria, invocada como Regra dos Monges, é modelo desta *escuta* de qualidade, aquela que sabia guardar tudo em seu coração. Ela aponta para o “o amanhã de Deus, o amanhecer da Páscoa” que precisa ser apressado, um amanhã que pode se tornar hoje na presença humilde de nossas comunidades claustrais. Como “nas bodas de Caná, Maria é a mãe da esperança, atenta e solícita em relação às coisas humanas”, lembrava o Papa Francisco às monjas no Aventino.¹⁹

Em nosso país, um testemunho eloquente vem da pequena comunidade do Mosteiro da Água Viva, Itacoatiara.²⁰ O

16. Cf. PC 7 e 9.

17. Cf. *Celebração das Vésperas no Mosteiro de Santo Antônio Abade*, Roma, 21.11.2013.

18. Ibidem.

19. Ibidem.

20. Testemunho de Ir. Elizabeth Franke, OSB, no XI Encontro Monástico Latino-Americano – XI EMLA, México, 2013. Cf. <www.cimbramonastica.org.br>.

21. O mundo monástico dos que seguem a regra de S. Bento na América Latina, desde o Concílio Vaticano II, desenvolveu uma organização em três regiões: ABECCA, CIMBRA, SURCO. A ABECCA reúne as comunidades da América Central, Caribe e norte da América do Sul. A CIMBRA compreende as comunidades do Brasil. E a SURCO, as comunidades dos países do Cone Sul da América Latina. Com a finalidade de favorecer o intercâmbio entre as comunidades, sua principal expressão é o Encontro Monástico Latino-Americano – EMLA, que alcançou sua décima primeira edição em julho de 2013, na Cidade do México. A cada quatro anos, uma das regiões hospeda o encontro que congrega monásticos de todas as famílias masculinas e femininas, independentemente da

pedido de fundação feito pelo bispo expressa a missão das comunidades monásticas: “uma presença de oração e acolhimento” no coração da Amazônia, “uma Luz para todas as comunidades de sua imensa Prelazia”. E assim se fez! Demos voz às Irmãs que ali vivem:

Viver nossa vocação monástica na Amazônia pan-americana, que foi descrita como uma região que corresponde a 5% da superfície da terra e a 40% da América do Sul e que contém 20% da disponibilidade mundial de água não congelada... abriga 34% das reservas mundiais de florestas e gigantesca reserva de minerais. Sua diversidade biológica de ecossistema é a mais rica do Planeta. Mas esta terra foi depredada, esta natureza agredida e estas águas tornaram-se mercado negociável. É triste!

Continua o testemunho: “O Mosteiro da Água Viva está inserido neste contexto exuberante, onde vivencia e reza com o homem desta região os seus inúmeros problemas e dificuldades”. E cita o abandono do campo e das regiões ribeirinhas; a falta de perspectivas que leva, por exemplo, ao alcoolismo e às drogas e à desestruturação da família. “Mas Deus criou a Amazônia, e como o Papa Paulo VI o disse: ‘Cristo aponta para a Amazônia’.”²¹

Instalar uma comunidade orante nas regiões de desafio como o acima citado ou nas periferias das grandes capitais é uma das formas de responder ao grito das agressões ambientais e das realidades sociais dissonantes.

Para a vida monástica e contemplativa, a resposta vem sempre do *ser*, mais do que do fazer algo, mesmo que algo seja feito.

Diversos gestos de solidariedade inspiram a ação evangelizadora dos mosteiros, como a partilha de bens e os serviços oferecidos em parceria com leigos, em geral, oblatos seculares, nas portarias e nos parlatórios dos mosteiros ou nos centros de trabalho social e artístico. O cultivo da terra por muitas comunidades, a partilha da água pela perfuração de poços, são outros gestos concretos.

Na porta e na torre, a visão e a missão

Quem faz uma primeira leitura do Livro II dos Diálogos em que o Papa S. Gregório Magno narra a vida e milagres de S. Bento, pode ficar surpreso por encontrar o pai dos monges do Ocidente descrito inúmeras vezes como um homem sentado à porta do mosteiro de Monte Cassino em sua *Lectio Divina*. A porta do mosteiro era para ele o espaço de uma dupla leitura, da Palavra de Deus e da realidade circundante. Foi o cenário de inúmeros episódios de sua vida, transcorrida na península itálica em convulsão, ao final do Império Romano, durante as invasões dos chamados bárbaros. É bom recordar a história e perceber que não há tempos piores ou melhores. Estariam as ordens religiosas chamadas contemplativas isentas desta *escuta ativa*? Serão os muros que delimitam as clausuras monásticas escudos para impedir que o clamor que sobe da criação penetre em seu interior?

Ir. Marcelina Kusmierz, OSB, beneditina missionária, em seu trabalho sobre a Antropologia na Regra Beneditina²² nos indica que Bento, ao chamar o monge de filho, colocá-lo na posição em que o próprio Cristo Jesus está, a de Filho obediente ao Pai, Filho que escuta o Pai todo o tempo. “Escuta, filho...”, escuta para aprender a viver como filho. Para tal, ele deverá “incliná-lo o ouvido do coração”, abrir-se ao amor do Pai, sem timidez, sem reservas.²³ Palavra característica na espiritualidade beneditina, seja em relação a Deus, seja em relação às pessoas e às circunstâncias, “a escuta não se dá somente da palavra, mas primeiro da pessoa como tal, do seu harmonioso desenvolvimento e equilíbrio”. Aquineta Böckmann, OSB,²⁴ nota que “a escuta caracteriza a espiritualidade de toda a Regra”. Ela exige “uma disciplina constante que leva à conversão e ao crescimento em todos os níveis”.²⁵ A *escuta* de todo monge e monja, de todo contemplativo, será “parcial” se ignorar o clamor que sobe do mundo ao nosso redor.

Para Bento, a porta do mosteiro tem mão dupla entre o mundo e o claustro. Ele dedica um capítulo de sua regra ao porteiro do mosteiro.²⁶ Este capítulo tem um vocabulário

forma de clausura pela qual se expressa o mesmo carisma monástico.

22. Trabalho final para a Licenciatura em Teologia Monástica, no Colégio Santo Anselmo, Roma. Com base neste trabalho, Ir. Marcelina Kusmierz assessorou a II etapa do Encontro de Formadores Beneditinos da CIMBRA, “Escola do Serviço do Senhor”, em 2011, e a CIMBRA JOVEM, para Professores Temporários, em 2012. *Pro manuscrito*.

23. *Regra Beneditina*, RB, Prólogo, 1.

24. Cf. BÖCKMANN, A. *Perspectivas da Regra de São Bento*. Rio de Janeiro: Ed. Lumen Christi, 2001. p. 22.

25. KUSMIERZ, op. cit.

26. RB 66.

litúrgico, um clima de veneração, inspirado pelo Evangelho de Mateus, um dos mais citados²⁷ pelos legisladores monásticos. O pobre que bate à porta é Cristo. A porta se torna templo onde o Cristo é servido e adorado, limiar da maior importância em um mosteiro, vestíbulo do Reino de Deus onde se passa da xenofobia à xenofilia. Vale lembrar aqui o gesto profético do Papa Francisco em sua visita à ilha de Lampedusa. Mesmo em uma época de conflito, Bento não se deixa dominar pelo medo ou desconfiança. Como viver assim em nossa sociedade marcada por tantas grades, muros e alarmes? A pergunta nos toca e até envergonha.

Na vida de S. Bento há outro lugar marcante: a torre do mosteiro de Cassino, onde ele passava noites em oração e que foi o palco de sua visão mística na calada da noite, enquanto, sozinho, antecipava as Vigílias Noturnas. Segundo S. Gregório, Bento viu “o mundo inteiro, como que concentrado num só raio de sol”.²⁸ Viu o mundo de seu tempo e todos os seus clamores concentrados neste raio de luz. Pela Regra que escreveu para sua comunidade, convidou a gestos construtivos e a um novo estilo de vida. Foi propositivo. “Sentiu globalmente e agiu localmente”, como hoje se diz. Esta é uma das razões pelas quais foi escolhido como padroeiro da Europa.

Uma funda e cinco pedras

A sensação que uma comunidade monástica ou contemplativa pode ter diante de um mundo em convulsão, que geme e sofre as dores de parto, é a de Davi diante de Golias. Responder a todos os gritos que se chocam contra seus muros pode trazer um sentimento de impotência, o de estar como Davi, com sua funda e cinco pedras na mão, arma desproporcional diante de Golias, com sua espada e potente armadura. Nestas circunstâncias, os diversos organismos de apoio à vida claustral, seja a ajuda mútua das comunidades de uma mesma congregação, seja o intercâmbio entre comunidades afins, hoje, muitas delas organizadas em federações, seja também o apoio de outros organismos da

27. Cf. “Vinde benditos de meu pai, recebei por herança o Reino preparado para vós desde a criação do mundo. Pois tive fome e me destes de comer, tive sede e me destes de beber. Era forasteiro e me recolhastes. Estive nu e me vestistes, doente e me visitastes, preso e viestes ver-me” (Mt 2,34-36). É de notar que as regras monásticas primitivas citam com frequência Mateus, e raramente o evangelista João.

28. GREGÓRIO MAGNO. *Vida e Milagres de S. Bento*. Rio de Janeiro: Ed. Lumen Christi, 1996 (4). p. 90-93.

Vida Religiosa Consagrada, como as já citadas e a CRB Regional e Nacional – lembramos aqui o PROFOCO –, são da maior importância. Ainda o que é maior: o apoio da Igreja universal e local e de seus pastores. Todos sustentam e inspiram as comunidades e oferecem foros de partilha em muitos níveis.

As comunidades contemplativas *escutam* os clamores a seu redor e tudo levam ao Senhor, seja pela “arma” da oração da Liturgia das Horas onde ecoa a voz do rei Davi, fiel a seu Senhor, seja pelo conjunto de sua vida de oração. Às vezes podem experimentar a mesma insegurança vivida pela população ao redor. É o Golias que grita e ameaça! Ouve-se o pranto e a perplexidade das perguntas sem resposta. Chora-se junto com as famílias enlutadas, sobretudo quando se trata de vidas jovens ceifadas nos descaminhos das drogas. Lembramos a palavra do Papa Francisco às monjas romanas: “A única lâmpada acesa no sepulcro de Jesus é a esperança da mãe, que naquele momento é a esperança de toda a humanidade. Pergunto a mim mesmo e a vós: nos Mosteiros esta lâmpada ainda está acesa?”²⁹

Chamadas a permanecerem, como Maria, comunidades de esperança, dia e noite lançam aos céus as flechas dos versículos dos salmos por onde passam todos os clamores de ontem e de hoje. O mundo que o patriarca Bento percebeu em um raio de luz é confiado, pela mediação das comunidades orantes, a Jesus, Luz do Mundo. Em meio aos gemidos, às alegrias e tristezas deste novo milênio, continua a subir sem cessar ao coração de Deus a invocação que nada pode calar: “Que vos agrade o cantar dos meus lábios e a voz da minha alma, que ela chegue até vós, ó Senhor, meu Rochedo e Redentor!” (Sl 18,15).

29. Homilia do Papa Francisco na celebração das Vésperas de 21 de novembro de 2013.

Questões para ajudar a leitura individual ou o debate em comunidade

1. Diante do questionamento lançado pelo Papa Francisco, como você pessoalmente e sua comunidade procuram manter acesa a lâmpada da esperança dos que sofrem?
2. Quais os gestos concretos que sua comunidade oferece ao mundo a seu redor, em favor de uma rede de solidariedade cada vez maior?
3. A Missão da Escuta pede uma disciplina diária. Quais os “instrumentos” utilizados em sua comunidade para desenvolver esta arte de forma cada vez mais abrangente?

“Desceu com ele à cisterna...” (Sb 10,14)

Uma abordagem sobre José do Egito na perspectiva do sofrimento e da sapiência*

RIVALDAVE PAZ TORQUATO, O. CARM**

Lidar com o sofrimento e com o sofredor, particularmente com vítimas inocentes, é sempre desafiador. Se o desafio é grande para quem dá assistência, não é menor para quem sofre. Sobretudo quando a dor parece irreversível ou irreparável. Normalmente o olhar volta-se para o passado procurando justificativas que expliquem o sofrimento. Entra-se num beco cego que não oferece saídas. Quando se trata de pessoas de fé, não raro – ante o drama e o enigma do sofrimento – sentem-se abandonados por Deus, justamente por Aquele que seria a (única) esperança. Às vezes o sofrimento vem de tragédias familiares que dilaceram as relações e deixam feridas difíceis de ser curadas. São questões melindrosas da existência que requerem *sabedoria* que possibilite olhar para além dos fatos e para o futuro. Na sequência, far-se-á uma leitura de José do Egito sob a ótica do *sofredor* e do *sábio* como tentativa para encontrar alguma luz para estas questões apresentadas.¹

“Não abandonou o justo vendido...” (Sb 10,13a): José, o sofredor

Quem não conhece a narrativa bíblica a respeito de José do Egito?² Ela é popular justamente pelo aspecto dramático da venda de José pelos próprios irmãos e por um motivo torpe: a inveja (cf. At 7,9). Um drama familiar. Ele era ainda jovem (Gn 37,2), quando a preferência do pai (v. 3) e os sonhos que teve (vv. 5.9) despertaram o ódio (vv. 4.5.8b) e o ciúme (v. 11) insuperáveis dos irmãos. Já não conseguiam

* Dedico esta reflexão às religiosas brasileiras que estão no Haiti trabalhando em defesa da vida.

** **Rivaldave Paz Torquato** é frade carmelita, mestre em Ciências Sociais Bíblicas pelo Instituto Bíblico de Roma (PIB) e doutor em Sagrada Escritura pela Westfälische Wilhelms de Münster – Alemanha. Professor no Studium Theologicum e na Faculdade Vicentina em Curitiba.
Endereço do autor: Rua Otávio Afonso da Silva, 485, Bairro Novo B, CEP 81925-596, Curitiba-PR.

1. A figura de José do Egito aparece num texto *narrativo*, mas a trama é obviamente *sapiencial*. A sapiência em si não se limita ao gênero literário. Müller (1992, pp. 22-23) fala de uma *weisheitliche Haltung* e classifica a narrativa como *weisheitliche Lehrerzählung*.

2. Cf. Gn 37–50.

A narrativa será retomada em três importantes textos que usaremos aqui: Sl 105,17–22; Sb 10,13–14; At 7,9–14.

3. E por razões semelhantes: a preferência de Deus pela oferta de Abel (Gn 4,5).

4. Daqui para frente, todas as citações bíblicas em que usaremos o termo *cisterna* significa que no hebraico aparece sempre o mesmo termo, isto é, *bōr*. A LXX o traduziu habitualmente por *lákko*, termo usado também em Sb 10,14.

5. A venda de um irmão é algo extremamente bárbaro. Isto fica claro na própria repercussão do fato. Aparece na boca de José duas vezes, quando se dá a conhecer: “Eu sou José, vosso irmão, que vendestes para o Egito” (Gn 45,4–5). E é retomado pela tradição posterior: Sl 105,17; Sb 10,13a; At 7,9.

6. Cf. Gn 39,17.19; 41,12; Sl 105,17. O termo usado é *ebed*.

“Desceu com ele à cisterna...” (Sb 10,14)

mais conversar amigavelmente (v. 4b). Na verdade, os sonhos mostram, por parte de José, intenções de superioridade sobre os irmãos (vv. 7.9) e assim são interpretados (vv. 8a.10b). Mas justificaria a reação dos irmãos? O ódio cresce – como mostra a expressão “ainda mais” (vv. 5.8) – e o etiquetam com o rótulo “sonhador” (v. 19). E agora, como resolver este conflito familiar?

Os irmãos apresentam três soluções: a) *matá-lo* (v. 20). Foi a solução encontrada por Caim contra o irmão Abel (Gn 4,8);³ b) *colocá-lo numa cisterna vazia*, isto é, *deixá-lo morrer* (Gn 37,22–24).⁴ Esta solução entra em fase de execução (vv. 23–24), até que é finalmente interrompida por uma terceira; c) *vendê-lo aos mercadores que passavam* (vv. 27–28),⁵ que por sua vez o levaram para o Egito (v. 28b) e venderam-no ao comandante dos guardas (v. 36; 39,1). José tornou-se seu escravo.⁶ Eis uma vítima do tráfico humano. Em todo este processo de decisão sobre o destino de José, ele mesmo não participa. O texto (37,18ss) mostra um José em silêncio ou silenciado. A sua última palavra no cap. 37, e que fica ecoando no ouvido do leitor, é: “procuro meus irmãos” (v. 16), isto é, quer restaurar a fraternidade. O relator registra a atitude subsequente: “José partiu à procura de seus irmãos...” (v. 17b). Daí para frente José já não fala e não faz, apenas sofre em silêncio.

A narrativa por sua vez apresenta um interesse particular pela *cisterna*, como mostra a insistência no termo que ocorre sete vezes⁷ em apenas dez versos onde José tem sua sorte selada.⁸ O narrador especifica que a cisterna fica “no deserto” (v. 22) e “era uma cisterna vazia, onde não havia água” (v. 24). O leitor pode imaginar as horas dramáticas de José na cisterna, enquanto aguardava o desfecho desta trama. Ela tem um agravante: os agentes são os irmãos mais velhos, justamente os que tinham o dever de protegê-lo. E eles próprios confirmam este momento dramático mais tarde quando dizem: “vimos a aflição de sua alma, quando ele nos pedia graça...” (42,21).

Já no Egito é seduzido pela mulher de Putifar, seu patrão (39,7–19). Não atingindo o objetivo, a mulher consegue

O salmo acentua ainda mais este elemento (o escravo) na condição de preso: “Afligiram seus pés com grilhões e puseram-lhe ferros no pescoço” (Sl 105,18).

7. Cf. Gn 37,20–29, mais precisamente os vv. 20.22.24 (duas vezes).²⁸ e 29 (duas vezes). O termo aparece ainda em 40,15 e 41,14, ambas envolvendo José. Trata-se das únicas ocorrências do termo no livro do Gênesis.

8. Sorte semelhante têm – entre os mais importantes – também Jeremias (Jr 38,6.6.7.9.10.11.13) e Daniel (Dn 6,8.13.17.18.20.21.24.24.25.25). Veja nos três casos a insistência no lugar da prisão: a *cisterna*.

9. WÉNIN, 2011, p. 97. Se a decadência ou o processo de descida à cisterna da parte de José é marcado pelo *despir* da túnica (37,23–24; 39,12–13), o processo de ascensão é marcado pela *vestição* (41,41–42; cf. Lc 15,22).

difamá-lo e colocá-lo na *prisão* (v. 20). O elemento utilizado contra José é sua própria túnica (39,12–13) como outrora (37,23.31–34).⁹ José declara-se inocente e chama a prisão de *cisterna* (40,15).¹⁰ Com isso ele evoca o início de sua “via-sa-cra” com os irmãos quando tinha dezessete anos (37,2). Foi *tirado* de uma cisterna (37,28) e colocado n’outra (40,15).¹¹ Elas vinculam dois sofrimentos indevidos ou inocentes. O Faraó manda, enfim, tirá-lo da *cisterna* (41,14; Sl 105,20).¹² Desencadeia-se um processo de “saída” da cisterna com a interpretação do sonho do Faraó (41,25–36).¹³ *Sonhos* levaram José para a cisterna (a interpretação de); *sonhos* trazem-no de volta. Ele tem agora trinta anos (41,46). Até aqui já foram treze anos. Neste ínterim ele teve também que aprender outra língua (cf. 42,23). Não é pensável que isto lhe tenha sido só alegria. José, porém, segue em silêncio.

No primeiro encontro com os irmãos, que vieram comprar comida (42,2–5), sem deixar-se reconhecer (v. 7–8), José *chora* (v. 24a). Esta cena se repetirá outras vezes.¹⁴ Dramática, porém, é aquela do momento em que se dá a conhecer (45,1–2). Sinal que a ferida ainda estava aberta e que a tragédia familiar era causa de grande sofrimento para José. Mas não lhes nega a comida. Enfim, o próprio José se declara “*roubado* da terra dos hebreus” (40,15), refere-se à “terra de sua aflição” (41,52), sabe-se *vendido* pelos irmãos (45,4.5).

Está aí um homem sofredor e uma família fragmentada pelo ódio e pela inveja. No meio disso tudo, o crente se pergunta: onde está Deus?

“Mas Deus estava com ele” (At 7,9): José, o assistido por Deus

É humano, tanto para quem sofre como para quem o assiste, querer ver Deus trocando o *chip* do sofredor e mudando sua sorte de imediato. Tem-se a impressão de que Deus chega sempre atrasado. Mas como ele de fato atua? Observemos o caso de José.

José já estava na casa do senhor egípcio, Putifar (Gn 39,1–6), quando a narrativa registra um primeiro sinal de Deus. O

10. O relato chama o lugar de *prisão* em 39,20.20.21.22.22.23; 40,3.5. Mas muda para *cisterna* em 40,15 e 41,14.

11. Uma esperança seria o copeiro-mor (40,14a), cujo sonho José havia interpretado (40,5-13), mas o copeiro, restituído ao cargo, esqueceu-se de José na prisão (40,23).
12. WÉNIN, 2011, p. 108.

13. O termo *cisterna* forma uma moldura literária: a primeira ocorrência na obra é em 37,20, quando os irmãos *decidem colocar* José na cisterna (e *despem* sua túnica, cf. 37,23-24); e a última é em 41,14, quando o Faraó *decide tirá-lo* (e manda *vesti-lo*, cf. 41,41-42). A moldura cobre, portanto, o arco da estadia de José na cisterna. Ora, nem todo o tempo José esteve fisicamente na cisterna. Logo, o termo *cisterna* extrapola a dimensão física. Ela conota o sofrimento.

texto diz que “o Senhor estava com José” (v. 2a) e esta presença era fecunda, pois o que ele fazia *prosperava* na casa de seu senhor (v. 2b). O fato é acentuado pela repetição da ideia no verso seguinte (v. 3). Mas acrescenta-se que o seu senhor, Putifar, se rende, conta o fato e especifica-se que a causa da prosperidade é Deus. Assim, José torna-se um instrumento da *bênção* divina para terceiros (v. 5). Deus abençoa a casa de Putifar devido a José. Deus não muda os acontecimentos – não evitou a cisterna de José, sua venda e vinda para o Egito, sua condição de escravo –, mas está presente e os qualifica.

Mais tarde, na prisão (39,20-41,14), as coisas se repetem: “o Senhor estava com José e lhe estendeu o seu amor (*hesed*) e encontrou graça junto ao carcereiro” (v. 21). Na sequência, como num refrão, o v. 23 repete o v. 3: “o Senhor o assistia e fazia prosperar o que ele empreendia”. Outra vez, Deus não evita sua prisão, mas o acompanha e decisivamente o assiste dando qualidade nova aos fatos.

Na sequência, José interpreta com êxito os sonhos do copeiro e do padeiro (Gn 40) e depois os do Faraó (Gn 41). É o próprio Faraó, um estranho, quem percebe que em José *está o Espírito de Deus* (Gn 41,38). A interpretação do sonho do Faraó como anúncio e (implícita) instrução divina (41,25.28) e a execução desta instrução garante a salvação da vida dos egípcios e da sua própria família contra a fome, isto é, José torna-se fonte de bênção para terceiros. O próprio José reconhece isso quando – ao nomear o filho Efraim – justifica: “porque *Deus me tornou fecundo* na terra da minha aflição” (41,52). Isto após a abundância do trigo (41,46-49). Ele sabe-se devedor da dádiva divina, sabe que de Deus vem sua fecundidade. E seu pai Jacó, ao abençoá-lo, confirma isso ao dizer: “José é um rebento *fecundo* perto da fonte” (49,22).¹⁵ É a figura do homem *justo* descrita no Sl 1,3 (cf. Sb 10,13a) – e cujo caminho Deus conhece (Sl 1,6) –, que é também a figura do *sábio*.¹⁶

É Deus que, na forma de seu atributo, na forma de seu dom, a *sabedoria*,¹⁷ vem ao encontro deste sofredor. Isto é claramente confirmado pela tradição bíblica posterior. O Sl

105,17-22 retoma a história de José e diz – entre outras coisas – que o Faraó o instituiu sobre seus anciãos para ensinar-lhes a *sabedoria* (v. 22). Os Atos dos Apóstolos, tratando de José, diz que ele foi vendido pelos invejosos, mas “Deus estava com ele (...) concedendo-lhe graça e sabedoria” (At 7,9-10). O Livro da Sabedoria vê um pouco mais longe na história ao afirmar que a *sabedoria* (divina): “Não abandonou o *justo vendido*, mas (...) *desceu com ele à cisterna...*” (Sb 10,13-14).¹⁸ É uma afirmação extremamente profunda quanto à solidariedade divina. Ao mesmo tempo significa que, desde o primeiro momento de seu sofrimento, Deus estava definitivamente presente e já ali o silêncio de José era fecundo. O decorrer da história vai revelando um homem que foi amadurecendo pelo sofrimento e pela presença inefável de Deus.¹⁹ Portanto, isto permite concluir que Deus não muda a sorte, nem as ações humanas nem suas responsabilidades como gostaríamos, mas se coloca incontestavelmente do lado das vítimas, abrindo-lhes horizontes novos. Deus concede-lhes o dom da sabedoria para saber viver na adversidade e, nela, amadurecer. O sofrimento pode tornar-se chance, ocasião de crescimento.

“Não há ninguém tão inteligente e sábio como tu” (Gn 41,39b): José, o sábio

O *dom* precisa ser percebido, acolhido como tal e transformado em tarefa. O dom da sabedoria é uma capacidade de discernimento a ser exercida. O dom ajuda a perceber o projeto divino que realiza o homem. Ora, como José percebe o dom que *desceu com ele à cisterna* (Sb 10,14) e o acompanhou? Como o acolheu e o exerceu?

José interpreta o sonho do copeiro e do padeiro (Gn 40) e depois do Faraó (Gn 41), e nos dois casos afirma que a interpretação do sonho é Deus quem dá, é dom divino (40,8; 41,16). Neste sentido reconhece que este dom lhe foi dado e o exerce. O próprio Faraó confirma isso quando – referindo-se à interpretação do sonho – diz: “Deus te fez saber

14. Cf. 43,30; 45,14-15; 50,17.

15. É ainda o pai Jacó que, enviando os filhos de volta ao Egito, deseja que Deus lhes dê misericórdia (*rahamim*) perante José e ele restitua Benjamim (43,14). E José sente misericórdia (*rahamim*) por seu irmão (43,30). É o próprio pai que oferece assim o critério para perceber a assistência de Deus na vida de José.

16. Quanto à figura do *justo* comparado a uma árvore: Sl 92,13-16; Jr 17,5-8. Cf. ainda Sl 52,10a; Ez 17,1-10.22-24; 19,10-11; 31; 47,12; Dn 4; Is 11,1. Em Sir 24,12-19 é a *sabedoria* comparada à árvore. Ela convida os que a desejam a faltar-se de seus frutos (v. 19).

17. Para a sabedoria como *dom* divino, cf. Is 11,2; Ex 36,2; Jó 35,11; Sl 19,8; Sir 1,1.

18. Quando Azarias e seus companheiros foram – por ordem do rei

Nabucodonosor – jogados na fornalha ardente, “o Anjo do Senhor *desceu* para juntos deles na fornalha” (Dn 3,49).

19. UEHLINGER (2010, p. 210) observa que “Deus não aparece no primeiro plano na história de José, mas age antes sob a aparência de uma providência discreta”.

20. A tradição posterior vai dizer: “... José, vendido como escravo, cujos pés apertaram com grilhões e a quem puseram em ferros, *até cumprir-se a profecia a respeito dele...*” (Sl 105,17b-19a).

21. Cf. Jó 28,28; Sl 111,10; Pr 1,7; 9,10; 15,33.

22. Este texto é retomado em Rm 12,19-21.

23. Cf. Gn 42,19.25; 44,1; 45,11.23; 47,12; 50,21.

24. A relação neste relato não é direta, mas é no contexto da busca do alimento que os irmãos, “os inimigos”, fazem duas confissões de sua culpa

tudo isso” (41,39). José está, portanto, atento para perceber a presença do dom e, conseqüentemente, de Deus na vida.

A seguir, interpreta o sonho do Faraó como *anúncio* da parte de Deus daquilo que *vai realizar* e em breve (41,25.28.32). Dá ao sonho o tom de profecia. Significa que é esta mesma leitura que ele faz a respeito dos próprios sonhos que teve e que desencadeou o seu drama (Gn 37,5-6.9).²⁰ Portanto, ele faz uma leitura da própria história à luz da fé e percebe Deus na trama de sua vida. Isto será confirmado na forma como fará a releitura dos fatos, quando se dá a conhecer aos irmãos (Gn 45,3-8). Assim descobre nos seus próprios sonhos o *anúncio* do plano de Deus e aguarda a sua realização. No caso dos sonhos do Faraó, ele executa a implícita instrução divina expressa no sonho (41,47-49). Eis o seu êxito. É a sabedoria, dom de Deus, que ensina José a reler a história com os olhos da fé e orientar a própria vida e a sorte de um país inteiro segundo a instrução divina.

Na literatura sapiencial, o *temor* de Deus é princípio de sabedoria.²¹ Ora, José se declara temente a Deus (42,18). A mesma sapiência diz: “Se teu inimigo tem fome, dá-lhe de comer; se tem sede, dá-lhe de beber: assim amontoas brasas sobre sua cabeça e o Senhor te recompensará” (Pr 25,21-22).²²

Ora, esta é a atitude de José.²³ Ele segue o conselho da sapiência e até mesmo o ultrapassa.²⁴

José não entra num ciclo vicioso, girando em torno de si mesmo, perguntando-se pelo “porquê” do seu sofrimento. Ele poderia passar o resto da vida lamentando e achando que era o maior sofredor do mundo numa frustração sem fim. Seria mais cômodo assumir a posição de vítima. Ao invés disso, descobre na sua dor duas coisas importantíssimas. A primeira é ver na tragédia o *envio* de Deus. Ele insiste em dizer aos irmãos que a mão de Deus estava por trás de tudo: “Deus me enviou diante de vós” (Gn 45,5.7) e em seguida inocenta-os: “Não fostes vós que me enviastes para cá, e sim Deus” (v. 8). A ideia é repetida três vezes em apenas quatro versos, tornando clara a sua importância. Ver na venda dos irmãos o *envio* é a leitura que fará também o

Sl 105,17: “Adiante deles enviou um homem, José, vendido como escravo”. José descobre aí o protagonismo divino. A segunda é descobrir que sua dor não é vã, mas tem uma finalidade, um *para quê*. Isto é fortemente acentuado mediante três frases finais onde afirma: “Para a conservação de vossas vidas [dos irmãos] e posteridade” (Gn 45,5.7). Nesta sua leitura de fé a vítima encontra força para inocentar os culpados, pagar o mal com o bem e reconstruir a família. Eis sua sabedoria.²⁵

Após a morte do pai, os irmãos temem a vingança (50,15) e pedem – usando o nome do pai – o perdão (v. 17). José pede que não tenham medo (v. 19) e pronuncia uma célebre frase: “Vós, na verdade, intentastes o mal contra mim; porém, Deus o tornou em bem, para fazer, como vedes agora, que se conserve muita gente em vida” (v. 20). Ele não nega nem anula o fato, isto é, a tentativa maléfica dos irmãos. Já havia feito isso quando disse: “Eu sou José, vosso irmão, a quem vendestes” (45,4). Agora avalia o fato moralmente: “... intentastes o mal contra mim”. A atitude dos irmãos é vista como má. Mas José não para aí. Ele vê Deus tomando posição diante disso e transformando sua venda em envio.²⁶ Faz uma leitura completamente positiva e percebe uma finalidade clara, dá a volta por cima e perdoa os algozes. É o homem amadurecido que responde aos irmãos. Na sequência *os consola* (v. 21). É a vítima consolando os agressores. O sofrimento deixa de ser fator de resignação para tornar-se força de resistência e libertação pessoal e coletiva. A dor deixa de ser fator que arrasta para trás para tornar-se força de propulsão.

Em Gn 4,9 Deus pergunta a Caim: “Onde está teu irmão...?”. Em 37,15 o pai manda José ver como estavam os outros filhos no campo. Nesta ocasião um estranho encontra-o e pergunta o que ele está procurando, e José responde: “Procuro meus irmãos” (37,16).²⁷ Aqui está o eco da pergunta de Deus feita a Caim. O desfecho da história mostra que José *encontra* os irmãos e a modalidade do encontro se dá pelo perdão, pela reconciliação. É assim que ele restaura a fraternidade e a família, é assim que ele responde a pergunta

(42,21; 44,16), isto é, José amontoa brasa sobre suas cabeças. Como observa Uehlinger (2010, p. 202): “A dependência com respeito ao senhor anônimo, o reconhecimento progressivo do erro cometido e a ascensão do sentimento de solidariedade fraterna abrem caminho à reconciliação...”.

25. Segundo Wénin (2011, p. 106): “Na verdade, quanto mais ele cai na miséria e chega ao ínfimo degrau da escala social, José parece crescer em sabedoria e humanidade, qualidades que brilharão à luz do dia quando, amadurecido por sua experiência de vida, colher os frutos”.

26. WÉNIN, 2011, p. 273. Deus “transforma a energia da violência e da maldade em dinamismo de vida e de paz” (ibid., p. 293).

27. E os *encontrou* em Dotain (37,17), mas o desfecho (37,18ss) é de um perfeito *desencontro*.

28. Cf. 2Rs 18,31; Is 36,16.

29. Neste provérbio, os termos *cisterna* e *poço* aparecem em paralelo. Na verdade Pr 5,15 se insere na perícopie que trata da vida matrimonial (vv. 15-19), na qual a esposa aparece simbolizada como cisterna e poço, isto é, fai

“Desceu com ele à cisterna...” (Sb 10,14)

de Deus feita a Caim. Eis a vingança de José. A sapiência diz: “Não digas: vingar-me-ei do mal; espera pelo Senhor e ele te salvará” (Pr 20,22).

José revela-se, portanto, um sábio. Ora, isto é reconhecido e afirmado por um estranho, o Faraó, ao dizer-lhe: “Ninguém há tão entendido e sábio como tu” (41,39b).

O Sl 105 vê em todo este episódio uma prova – “até tê-lo provado a palavra do Senhor” (v. 19b) – e, neste caso, superada por José. Um dito sapiencial aconselha: “Beba cada um da água da sua própria cisterna!”.²⁸ Em Pr 5,15 lê-se: “Beba a água da tua cisterna (*bōr*), a água que jorra do teu poço (*be’ēr*)”.²⁹ De fato, em toda esta trama, José está bebendo de sua própria cisterna, isto é, está fazendo do seu próprio sofrimento ocasião de crescimento. Descobriu a mão de Deus no seu drama e a finalidade de sua dor. Seu sofrimento é assumido ou canalizado a favor de terceiros – já nesta vida. José se torna ocasião de bênção, de prosperidade.³⁰ A vítima “redimindo”, “redime-se”.

A narrativa mostra a promessa divina a Abraão (Gn 12,2-3) em andamento e ao mesmo tempo mostra a sabedoria de Israel dialogando com os pagãos e sendo acolhida por eles. No agir sábio de José, que beneficia toda a terra (41,56.57), transparece o caráter universal da sapiência. Deus proporciona a vida para todos igualmente.

“Para me destruïrem, lançaram-me na cisterna” (Lm 3,53): o contexto da narrativa

A redação do Livro do Gênesis é referida como ocasião do exílio e da reconstrução.³¹ Ela quer iluminar e animar os exilados que se sentem abandonados em “sua cisterna” (cf. Lm 3,53). É preciso descobrir um *sentido* para o seu sofrimento e um *para quê*. Enquanto Isaías apresenta os cânticos do servo sofredor e desafia o povo a olhar para frente sendo luz das nações (Is 42,6; 49,6), o Gênesis apresenta José como paradigma, como um modelo de quem encara a dor na ótica da fé. O israelita da comunidade pós-exílica de Judá é convidado a reconhecer-se na figura do vendido e prisioneiro

88.55 06(8b)-15.2(b)-13.7(e)-14.2(e)-16.31(d)-16.33(s)-80datodgi-10.2(a)-2(m)-13.3(m)]TJ0 -1.222 16.6(d)-36.9(a)Tj/T1_4

norte, Israel) e Judá são filhos do mesmo pai, Jacó.

36. Segundo Gunneweg (2005, p. 161): “Na figura de José, a escola sapiencial retratou um formando de padrão ideal: comedido, solícito, educado, adequado em cada situação, submisso ao rei, mas, nem por isso, sem autoestima, severo, mas não sem disposição de perdoar, e em tudo isso piedoso e sábio, sabendo que Deus não abandonará a pessoa justa”.

37. Vinte ciclos é a avaliação de um homem entre 5 e 20 anos (cf. Lv 27,5). José tinha dezessete anos quando foi vendido (Gn 37,2). Jesus foi vendido por trinta ciclos de prata que era o valor de um escravo (cf. Ex 21,32).

José	Jesus
“Disseram entre si: ‘Eis que chega o tal sonhador! <i>Vinde, matemo-lo</i> , joguemo-lo numa cisterna qualquer...’” (Gn 37,19-20).	“Os vinhateiros, vendo o filho, disseram entre si: ‘Este é o herdeiro: <i>vinde, matemo-lo</i> e apoderemo-nos da sua herança’” (Mt 21,38; cf. 26,4).
“... despojaram-no de sua <i>túnica</i> , a <i>túnica adornada</i> que este vestia” (Gn 37,23).	“Os soldados, quando crucificaram Jesus, tomaram suas roupas e repartiram em quatro partes... Ora, a <i>túnica era sem costura, tecida como uma só peça, de alto a baixo</i> . Disseram entre si: ‘não a rasguemos, mas tiremos a sorte...’” (Jo 19,23-24; cf. Mc 15,24).
“ <i>Venderam José aos ismaelitas por vinte ciclos de prata</i> e estes o conduziram ao Egito” (Gn 37,28). ³⁷	“Foi então um dos Doze, chamado Judas Iscariotes, foi até os chefes dos sacerdotes e disse: ‘O que me dareis se eu o entregar?’ Fixaram-lhe, então, a quantidade de <i>trinta moedas de prata</i> (Mt 26,14-15). E tomaram as trinta moedas de prata, o <i>preço do Precioso...</i> ” (27,9).
“Depois toda a terra do Egito sofreu fome e o povo, com grandes gritos, pediu pão ao Faraó, mas o Faraó disse a todos os egípcios: ‘ <i>Ide a José e fazei o que ele vos disser</i> ’” (Gn 41,55).	“Então a mãe de Jesus lhe disse: ‘Eles não tem mais vinho’” (...) “Sua mãe disse aos serventes: ‘ <i>Fazei tudo o que ele vos disser</i> ’” (Jo 2,3.5).

“Israel disse a José: ‘Agora posso morrer, depois que vi teu rosto e que ainda estás vivo’” (Gn 46,30).	“[Simeão] tomou-o nos braços e bendisse a Deus, dizendo: ‘Agora, soberano Senhor, podes despedir em paz o teu servo... porque meus olhos viram tua salvação...’” (Lc 2,28-30).
---	--

Observando este paralelo, nota-se que a ordem dos eventos é inversa àquela de Jesus. Os eventos de Jesus partem da sentença de morte e vai na direção de seu nascimento. Isto sugere – numa leitura canônica, isto é, considerando o conjunto das Escrituras – que a tragédia de José o fez nascer um homem novo, amadurecido, centrado. A tragédia foi uma ocasião de crescimento que José não perdeu.

Mas o paralelo não termina aqui. A frase de José em Gn 50,20 soa como uma profecia que encontrará seu pleno cumprimento em Jesus. Parafraseando-a pode-se dizer: *o mal que o ser humano fez com Jesus (matando-o na cruz), Deus transformou em bem para que a vida da humanidade fosse salva!*

Se a pessoa moderna – particularmente a pessoa de fé – não acreditar que Deus tem a força de transformar o mal num bem e não assumir outra postura diante das oportunidades de vingança, será incapaz de reverter a espiral da violência, da perversidade e da maldade presente no mundo e nos corações. Isto requer sabedoria, mas outra espécie de sabedoria, aquela bíblica, dom de Deus. Não aquela da lógica cega e obtusa, mas a que paga o mal com o bem (cf. Rm 12,17.21). Esta sabedoria divina é verificável na capacidade de reler os fatos à luz da fé e descobrir neles a presença discreta e fecunda do Altíssimo.³⁸

“Desceu com ele à cisterna...” (Sb 10,14a): luz pastoral

Caso se observar com atenção, notar-se-á que, no trabalho pastoral, muito facilmente se aborda o povo *de forma*

38. Segundo Uehlinger (2010, p. 211): “aquilo que pode parecer, em uma visão superficial, um mal [...] pode muito bem, definitivamente e pelo viés da Divina Providência, produzir o bem e aumentar [...] a vida. Tal é o ensinamento teológico principal que se pode tirar dos dois discursos de José aos seus irmãos [45,5 (cf. 45,7-9); 50,20], discurso que tem o valor de confissão e de chave de leitura para o conjunto do romance”.

profética, se lhe propõe conteúdos novos e críticos etc. Ele, porém, responde quase sempre *de forma sapiencial*, prefere a segurança, vai devagar e adota postura menos crítica normalmente. Espiritualidade sapiencial não é isso, mas é também isso. Ela já está presente na arte de sobrevivência de nossa gente, lenta e acrítica. Requer constante purificação por parte dos agentes pastorais, mas com a devida prudência para não jogar a água da bacia fora com a criança junto. Neste processo, José é exemplo da forma sapiencial. E quando a *forma sapiencial* alcança este nível josefino, então ela torna-se *profética* no mundo atual.

Caso se observe o quadro da *família* hoje, é assustador. Famílias desintegradas, dilaceradas, fragmentadas, sofridas, enfim, famílias que podem espelhar-se na família e na pessoa de José do Egito. Pessoas traídas nas relações familiares podem ter aí um exemplo iluminador. José junta os cacos e reconstrói a família fragmentada. A narrativa mostra assim que a reconciliação é possível, é necessária e – hoje – é urgente. A via é o perdão exigente.

)2(ri)-6r4(

is2(s)1.8(e

2(zs)1826

)-8.3332465(ri8(p)84.21

desesperadamente a glória fugindo da dor. Não é necessário fazer apologia do masoquismo ou do sadismo, trata-se de resgatar o potencial evangelizador e humanizador presente no sofrimento e no sofredor. Ofende-se Jesus quando se acentua a sua glória e se menospreza ou até mesmo se esvaízia o seu sofrimento redentor.

O agente pastoral pode desempenhar um grande papel diante de tudo isso. Muitas vezes, não vai conseguir mudar o sofrimento da pessoa, mas pode ajudá-la a encontrar Aquele que já desceu e está com ela na sua cisterna. Pode ajudá-la a fazer a leitura teológica de sua dor, ou seja, olhar para frente rompendo o ciclo da resignação.

Na confissão dos irmãos de José, eles dizem uns aos outros: “Em verdade, expiamos o que fizemos a nosso irmão: vimos a aflição de sua alma, quando ele nos pedia graça, e não o ouvimos...” (Gn 42,21). O acento não recai na venda da vítima, mas em ver sua aflição e não ouvir o seu grito. Esta é a culpa maior. Fazer-se surdo ao clamor da vítima fere a Deus e carece de expiação. Visto por outro lado, pode-se dizer que Deus também desce com o sofredor na sua cisterna mediante a figura do próprio agente solidário e crente que vê e ouve a aflição daquele que pede graça e desce com ele; que *não foge dos que choram, mas aproxima-se dos que estão aflitos* (Eclo 7,34), que se fazem *olhos para o cego e pé para os coxos* (Jó 19,15). O agente deve estar consciente de que ele pode ser o instrumento desta presença solidária do Senhor e da sua sapiência. Esteja, portanto, seguro de que, quando descer à cisterna com o sofredor, estarão a três. O agente deve estar também aberto para a possibilidade de ser evangelizado pelo sofredor. A vítima sofredora também pode oferecer água da sua cisterna. Afinal, José foi *enviado* ao Egito para *ensinar a sabedoria* (Sl 105,17.22).

Referências

- GUNNEWEG, A. *História de Israel*. São Paulo: Loyola/Sinodal, 2005.
- MÜLLER, H.-P. Die weisheitliche Lehrerzählung im Alten Testament und in seiner Umwelt. In: *Mensch – Umwelt – Eigenwelt*. Gesammelte Aufsätze zur Weisheit Israels. Stuttgart: Kohlhammer, 1992, p. 22-43.
- UEHLINGER, C. Gênesis 37-50: o “Romance de José”. In: RÖMER, T. et al. (Org.). *Antigo Testamento: história, escritura e teologia*. São Paulo: Loyola, 2010, p. 195-214.
- WÉNIN, A. *José ou a invenção da fraternidade: leitura narrativa e antropológica de Gênesis 37-50 (BL – 60)*. São Paulo: Loyola, 2011.

Questões para ajudar a leitura individual ou o debate em comunidade

1. Como você e sua comunidade leem a própria história, os dramas pessoais, as feridas que, porventura, marcaram sua caminhada?
2. Como você e sua comunidade descem à cisterna das vítimas de hoje?
3. Como você e sua comunidade bebem da própria cisterna?

“Com que roupa eu vou pro samba que você me convidou?”

Esboço de uma teologia da consagração contextualizada e esperançosa*

IR. JOILSON DE SOUZA TOLEDO, FMS**

Neste momento histórico muito se tem dito sobre crise, inverno eclesial, mudança de época... não importa o adjetivo usado; é um tempo difícil de se viver. Encontrar respostas às questões que “apertam o coração” tem sido um dilema existencial de alguns de nós. Num cenário como este, a consagração toma contornos bem peculiares.

O início do pontificado do Papa Francisco encheu a Igreja de esperança. Com uma série de posturas e sinais, tem apontado o caminho de uma “Igreja pobre e com os pobres”, numa situação que parecia ser “sem saída”.

Neste contexto de inquietude e esperança, brotou este texto. Primeiro sonhado, vivido, rezado, chorado e partilhado com alguns companheiros de sonho. Depois se fez trabalho de conclusão de uma disciplina de pós-graduação. Agora uma breve partilha com pessoas que, de uma forma ou de outra, pensam, sonham e vivem a Vida Religiosa Consagrada.

Trata-se de uma reflexão sobre a experiência da consagração contextualizada que gere esperança sem perder a realidade. Pois é utopia, não miragem. É certeza de que se fundamenta na fé, na presença do Mestre (Mt 28,20). Que se “esteja com os olhos abertos, mesmo que o coração doa”, como dissemos no último encontro Nacional de Jovens Irmãos Maristas. Seria esboço de uma teologia da vida religiosa que iluminasse este tempo presente.

* Título de um samba de Noel Rosa.

****Joilson de Souza Toledo** é Irmão Marista. Participa da Comunidade Marista de Madre Germana, em Aparecida de Goiânia. Pós-graduado em Formação para a Vida Religiosa pela ESTEF (Escola Superior de Espiritualidade e Teologia Franciscana/RS) e mestrando em Ciências da Religião pela PUC de Goiás. Atua na assessoria da Pastoral da Juventude.
Endereço do autor: Rua MG 17, Qd 36 Lt 01, Madre Germana 1, CEP 74.965-560, Aparecida de Goiânia-GO. **E-mail:** mistagogo@yahoo.com.br.

1. “Uma parábola que faz refletir”

Em Belo Horizonte existe, há alguns anos, uma peça de teatro chamada Chico Rosa. É uma simulação do encontro de Chico Buarque e Noel Rosa, num boteco no céu. É um belo espetáculo de música trazendo o melhor dos dois cantores e compositores. No fim da peça, aparece uma estória sobre a composição da música “Com que roupa?” de Noel Rosa. Ela afirma que o poeta da Vila estava tomando banho para sair de casa à noite. Mais uma vez, ele iria para a boemia. Sua mãe, preocupada com esta situação, retira todas as peças de roupa do armário dele. Quando ele volta do banho, encontra o armário vazio.

Assim, segundo a interpretação feita na peça, Noel começa a procurar a roupa e o amigo o chama, seguidas vezes, do lado de fora da casa, e ele vai se perguntando: “Com que roupa eu vou? Com que roupa?”. Até que para, pega o violão e compõe uma de suas músicas mais famosas, cujo refrão dá título a este trabalho.

2. A Teologia por trás da parábola

Talvez você esteja se perguntando o que esta estória e esta música, afinal, têm a ver com teologia da Vida Religiosa. Particularmente, acredito que esta é uma parábola para a Vida Religiosa contemporânea. Olhando de novo a estória, podemos retomá-la a partir do seguinte esquema: o chamado, o armário e a composição do samba.

2.1 “Rola o toque de Olodum... Lá na Ribeira a Bahia me chamou”¹ – Um chamado que nos seduz

É comum, na música popular e no samba, poetizar sobre as realidades que nos provocam e nos chamam. Nelas nos deparamos com algo que se manifesta como irresistível e que nos atrai, pois nos identifica profundamente e lembra nossa ancestralidade, o que somos ou somos chamados a ser.

1. Trecho do samba enredo do GRES Portela de 2012.

Para a Vida Religiosa, é urgente retomarmos a consciência do *chamado*. A própria ideia de consagração demanda da consciência de que há um chamado. Poderíamos, “joaninamente”, poetizar que “no início era o chamado”.²

Noel é chamado por um amigo. Entretanto, mais importante do que o chamado de seu amigo, era o “chamado” do samba em seu coração. Ele não só ia ao samba. O samba “corria em suas veias”. Este chamado poderia, também, se expressar a partir do pensamento de Paulo apóstolo, uma necessidade que lhe era imposta (1Cor 9,16). É algo maior que ele. Algo que o supera, seduz e encanta.

No fim, o estilo de vida canonicamente organizado que se convencionou chamar “Vida Religiosa Consagrada” ganha seu fundamento no fato de termos sido chamados. A realidade em si não justifica. As necessidades da Igreja, somente, não respondem à questão. As aptidões humanas, pura e simplesmente, não conseguem esgotar ou tornar plausível este estilo de vida. Depois de passarmos por todas estas respostas, que são ainda incompletas, nos resta dizer: “Deus nos chamou”. Sentimo-nos chamados por Ele para um estilo de vida que se configura como o nosso caminho de felicidade. Aí podemos dizer que foi na realidade, nas necessidades da Igreja, nas aptidões e sonhos que Deus nos chamou e nos chama.

Talvez uma parte da crise que vive, hoje, a Vida Religiosa Consagrada seja a pouca consciência do chamado. Este é um dos pontos fundamentais da Vida Religiosa Consagrada: a experiência de reconhecer que algo nos fascina, espanta e atrai (Ex 3,1-6). Algo que num primeiro momento parece absurdo (Jz 6,11-24; Lc 1, 26-38): sentir-se escolhido (Jo 15,15-17). Ao contemplar o caminho de consagrados que perfazemos, deveríamos poder poetizar como Paulinho da Viola: “Não definir aquele azul, não era do céu, nem era do mar. Foi um rio que passou em minha vida e o meu coração se deixou levar”.³ Resgatar o chamado de Deus é o caminho para a vitalidade de nossa consagração.

2. Jo 1,1.

3. Refrão da música “Foi um rio que passou em minha vida”, de Paulinho da Viola.

2.2 “Um jeito inosso pra não ser de carne e osso”⁴ – A prudência da mãe e o armário vazio

Mas, “no meio do caminho”, há um “armário” que estava vazio. Muitas vezes quando olhamos para nós mesmos ou para as instituições eclesiais, não vemos a “roupa adequada” para responder ao chamado (Mt 22,1-14). Em alguns momentos, chega a ser constrangedor o fato de que a comunidade, a província e/ou nós mesmos, enquanto pessoas, não temos as posturas, as escolhas, as atitudes para responder ao chamado. Parece que, na realidade, não há espaços para os sonhos.

Por outro lado, é preciso lembrar que a postura da mãe de Noel é “justificável”. Todos temos “boas” justificativas para não responder ao chamado. Por vezes, a dimensão institucional da Igreja assume este lugar. Alguns logo dirão que não é possível viver sem as instituições ou a institucionalização. Contudo, devemos nos perguntar: quem está a serviço de quem?

A Vida Religiosa Consagrada não é uma força de trabalho, uma ONG, e sim um estilo de vida carismático. Muitas vezes se fala do importante diálogo entre o “carismático” e o “administrativo”, a “inspiração” e a “estrutura”, a “gestão” e a “missão”. Muitos dizem que é preciso dar espaço para a gestão, o administrativo, a estrutura. Que é necessário 50% de cada. Usando outra metáfora, creio que estamos diante da imagem do carro e da necessidade de chegar a um determinado lugar. Quando decido ir de carro, de ônibus ou de qualquer outro meio de locomoção, preciso seguir uma série de normas decorrente desta escolha: existe a mão certa para andar, o traçado das ruas, as leis de trânsito, o sinal etc. No entanto, ao entrar em um carro, não pergunto para onde ele quer ir. Não seria sensato alguém entrar num carro e dizer: então, vamos negociar, eu quero ir a tal lugar, e você? Em alguns momentos parece que o carisma deve pedir permissão à dimensão institucional. O

4. Trecho da música “Carne e osso”, de Zélia Duncan.

que, em si mesmo, é um sinal de alerta para a Vida Religiosa Consagrada.

Melhor do que identificar a mãe do poetinha da Vila com uma figura, é reconhecer nela uma postura possível, tanto na estrutura como nas bases, tanto no governo quanto nas comunidades, tanto nos veteranos como naquele que acabou de professar. Tomados por uma prudência que não tem muito a ver com o Evangelho e nem com os fundadores das Congregações (por mais que a intenção na maioria das vezes seja reta, santa e plausível), impedimos a Vida Consagrada Religiosa de ser a loucura de Deus no mundo. Não nos permitimos – ou não nos possibilitam – ambientes favoráveis que nos levam à paixão por Deus.

Existem situações em que a mesma instituição que nos convida a sonhar, nos questiona por sermos “sonhadores demais”. Propõe-nos um ideal de vida, e nos questiona por levá-lo a sério. Estabelece rotinas que, do ponto de vista do futuro, tornam inviável nosso estilo de vida. Aqui nos deparamos mais uma vez com a tensão entre sonho e realidade. Ficamos frente a frente com o desafio de construir possibilidades nos cenários onde estamos e com aquilo que temos à mão. Nestes contextos ainda encontramos motivação? Para onde levam nossos sonhos? Onde deitam suas raízes? Como eles podem estabelecer diálogos corajosos com a realidade e ensaiar possibilidades, abrir brechas, vislumbrar caminhos?

2.3 “Resistência que a força não calou. Arte de improvisar”⁵

Uma resposta que vem dentro

Aqui reside a situação dramática que muitos consagrados vivem com honestidade de coração: Como responder a esta realidade? Desistir? Desmerecer o chamado? Cynicamente, moldar-se à situação? “Detonar” a comunidade, a província, o mundo? Des.709 -1.64.7(s214)-37(u)-(b)8.1(i)-31(l)-30.5(5)-22(r)-16.5(-)-22(se)-2.98ev)230(i)8.4(d)oà -23.5(s r0.5(o)-30.5(i)823.5(s)-36.5(i)-0.8(t)-23(a)-24

não foi chamado para buscar o samba, mas para levar o que já estava nele. Na impossibilidade de sair, a crise forçou-o à descoberta. Assim como em outros momentos de sua história, os consagrados são convidados por Deus, talvez justamente por aquilo que os desafia, a afirmar, com ternura e teimosia, paixão e coragem, o que mais amam e por Quem dedicam suas vidas.

3. “Eu canto samba porque tá nas cordas do meu cavaquinho”⁶ – Pra continuar o debate

A Vida Religiosa Consagrada sempre foi, e quando for realmente Vida Religiosa Consagrada, algo desengonçado no meio da comunidade eclesial. “Fácil de entender e difícil de explicar.”⁷ Deus, em sua misericórdia, continua chamando. A Igreja ainda é repleta de pessoas que, em sua “santa intenção”, propõem caminhos mais “prudentes”.

Da forma como a vida de Noel se confunde com o samba, que a nossa vida de consagrados possa se confundir com o Evangelho. Que nós saibamos “perder a vida” pelo Evangelho, mesmo quando o horizonte não mostre saídas; mesmo quando parecemos “dar murro em ponta de faca”. Que saibamos que mudar de estratégia é diferente de mudar de ideal. Talvez este seja o caminho pelo qual Deus nos guia para o lugar onde quer que estejamos. Por mais desafiadora que seja, a Vida Religiosa Consagrada vale a pena; ela é necessária para Igreja e para o mundo de hoje. Vale a pena ser religioso. Vale a pena tentar, com a vida, compor este samba de uma Vida Religiosa Consagrada fiel ao chamado de Deus.

O título do texto foi inspirado em Noel. Termine esta partilha com uma música do grupo “Fundo de Quintal” que, transpondo a expressão “ser sambista” por “ser religioso”, expressa bem a convicção que moveu este texto:

Ser sambista é ver com os olhos do coração
Ser sambista é crer que existe uma solução

6. Trecho da música “Eu canto samba”, de Paulinho da Viola.

7. Trecho da música “Fácil de entender”, de Jorge Vercillo.

É a certeza de ter escolhido o que convém
É se engrandecer, sem menosprezar ninguém.
Aconselho a você que seja sambista também.⁸

Referências

- ARNOLD, Simón Pedro. *Adónde vamos? Una teología de la vida consagrada para un tiempo de crisis y esperanza*. Lima: Paulinas, 2012.
- AVIZ, João Braz de. A vida religiosa nos tempos atuais. *Convergência*. Brasília: CRB, n. 458, p. 5-15, jan./fev. 2013.
- CHITTISTER, Joan. *Fogo sob as cinzas: uma espiritualidade da vida religiosa contemporânea*. São Paulo: Paulinas, 1998.
- _____. *Llamados a plenitude: vocación y vocaciones*. Santander: Sal Terrae, 2013.

Questões para ajudar a leitura individual ou o debate em comunidade

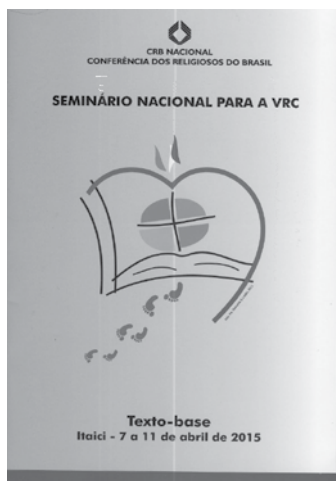
1. O que mais me chamou a atenção no texto? Por quê? Que inquietações/motivações traz ao meu coração?
2. Nossas opções na comunidade têm nos ajudado a manter viva a consciência de sermos chamados(as)? Por quê?
3. Que caminhos temos encontrado para, dentro da fidelidade criativa, vivermos o nosso chamado hoje?

8. Trecho da música “Seja sambista também”, do grupo Fundo de Quintal.



SEMINÁRIO NACIONAL PARA A VRC

Texto-Base



Conforme o Plano de Ação da CRB Nacional, acontecerá, de 7 a 10 de abril de 2015, o Seminário Nacional para a VRC. Este importante evento está em conformidade com a primeira prioridade do triênio 2013-2016: “Identidade e Mística”.

O objetivo do Seminário é *Reapropriar-nos do núcleo identitário para fazer arder o coração da Vida Religiosa Consagrada*. E o tema: *Assumir o núcleo identitário da VRC: atitude profética, processo mistagógico*.

A CRB publicou o Texto-Base, que poderá ser adquirido na CRB Regional ou Nacional.

É importante que a Vida Religiosa Consagrada se prepare para o Seminário Nacional 2015, participando tanto na realização de pré-seminários regionais, como nos estudos nos núcleos e comunidades.